

mensal | outubro de 2020 | n° 4 | ano 27 |    /sescrevistae | sescsp.org.br/revistae | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

ISSN 2179907-5
00307



CINEMA EXPANDIDO | PERSPECTIVAS DE MORADIA | ENTRE O FÍSICO E O DIGITAL | MARCELLO TUPYNAMBÁ | PADRE JÚLIO LANCELLOTTI |
ENSINO REMOTO | LIVROS: PRESENTE E FUTURO | MARCELINO FREIRE | CIDA BENTO, DANIEL TEIXEIRA E MARIO ROGERIO | CECÍLIA DE NICHILE

MOSTRA SENTIDOS a longevidade na arte

out - nov
2020

TEATRO
DANÇA

EDICÃO

4

Contribuindo para a reflexão sobre os estereótipos e preconceitos relacionados ao envelhecimento, a Mostra reúne processos artísticos virtuais de teatro e dança com participantes do Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc SP.

Acompanhe a partir de 1º de Outubro, **Dia Internacional do Idoso**, nas redes sociais e no Portal Sesc SP.

www.sescsp.org.br/mostrasentidos

facebook.com/sescsp

instagram.com/sescsp

M

SO

T

RA

SE

W

D

O

T

i

S

Ilustração: Isabela Alves



IMAGEM DA CAPA

A ilustração na capa desta edição vem da exposição *Perambular*, do Sesc Carmo, que aborda, de maneira lúdica, as múltiplas combinações de palavras que geram expressões da nossa língua portuguesa. Dentre essas expressões idiomáticas estão “ficar com o rei na barriga”, “o gato comeu a língua”, “chorar as pitangas”, “lágrimas de crocodilo” e “comer um trem”. A equipe do educativo preparou um jogo que pode ser baixado gratuitamente no portal do Sesc na internet, para conhecer e se divertir com essa riqueza de vocabulários bem brasileiros. [Baixe aqui.](#)

Ações intensificadas na pandemia

O Sesc – Serviço Social do Comércio tem no cerne de suas ações a promoção do bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo e de seus dependentes, bem como de toda a comunidade. Trata-se de uma atuação com foco permanente na busca da qualidade de vida, realizada por meio de programações nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e alimentação.

Ao longo de sete décadas, tem atuado na valorização dos encontros de ideias e saberes, que proporcionam o crescimento pessoal e das relações humanas. Neste emblemático ano de 2020, intensificou suas ações no ambiente digital, com uma diversificada agenda de apresentações musicais, de teatro e dança, além de debates sobre temas que ajudam a compreender as complexidades da vida contemporânea.

Além disso, realiza aulas abertas, orientações esportivas e encontros com atletas, estimulando a atividade físico-esportiva com foco na promoção da saúde. Também ampliou a distribuição de alimentos com o programa Mesa Brasil Sesc, atendendo às necessidades urgentes que a pandemia revelou.

São iniciativas como essa que mantêm a sociedade ativa e conectada, adaptando-se aos desafios impostos pelo momento atual.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

SUMÁRIO

Cinema em múltiplas telas

A pandemia do novo coronavírus e a necessidade de distanciamento físico impuseram mudanças imediatas na rotina da vida em sociedade e impactaram, de modo especial, a área artística. Com o fechamento das salas de cinema, a difusão das produções ocupou novos espaços e telas, no que tem sido chamado de cinema expandido. Para além da incomparável experiência da grande tela na sala escura, a arte cinematográfica tem ocupado plataformas de *streaming*, em diferentes dispositivos, trazendo também a oportunidade de acesso e fruição de obras de diferentes países, com sua variedade de linguagens, narrativas e estéticas. É o que mostra reportagem desta edição da **Revista E**.

Em *Entrevista*, a professora Beth Almeida, da PUC-SP, avalia o ensino remoto e aponta como a pandemia explicitou as condições de desigualdades na educação. Referência em estudos sobre relações de trabalho, a psicóloga Cida Bento aborda, em *Encontros*, os avanços e os desafios para a população negra brasileira. Na matéria *Gráfica*, obras da exposição *FARSA*, sobre a multiplicidade da língua e da linguagem. E, em *Inéditos*, a prosa poética de Marcelino Freire.

Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Vichi

Em **ENTREVISTA**, a professora **BETH ALMEIDA** da PUC-SP fala sobre as dificuldades e desafios do ensino remoto para professores e alunos **10**



Pixabay

Mesmo com salas fechadas, múltiplas telas e um variado cardápio de festivais apontam para um **CINEMA EXPANDIDO** responsável pelo aumento de público **18**



Acervo pessoal

No **PERFIL**, o espírito revolucionário da Semana de Arte Moderna de 1922 na obra musical de **MARCELLO TUPYNAMBÁ** **28**



Ed. Me, 1975 | Lygia Pape

Na **GRÁFICA**, como as limitações impostas pela pandemia traçaram outras pontes **ENTRE O FÍSICO E O DIGITAL** nas artes **34**



Pixabay

Onde a população de idosos e idosos brasileiros moram e quais as **PERSPECTIVAS DE MORADIA** para este crescente grupo da sociedade **50**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA LIVROS: PRESENTE E FUTURO	54
ENCONTROS CIDA BENTO, DANIEL TEIXEIRA E MARIO ROGERIO	60
DEPOIMENTO PADRE JÚLIO LANCELLOTTI	64
INÉDITOS MARCELINO FREIRE	68
ALMANAQUE PAULISTANO	62
P.S. CECÍLIA DE NICHILE	74

VIAJE SEM SAIR DE CASA COM O SESC SP!

Acesse a Plataforma Sesc Digital e conheça os audiotours gratuitos para adultos e crianças.

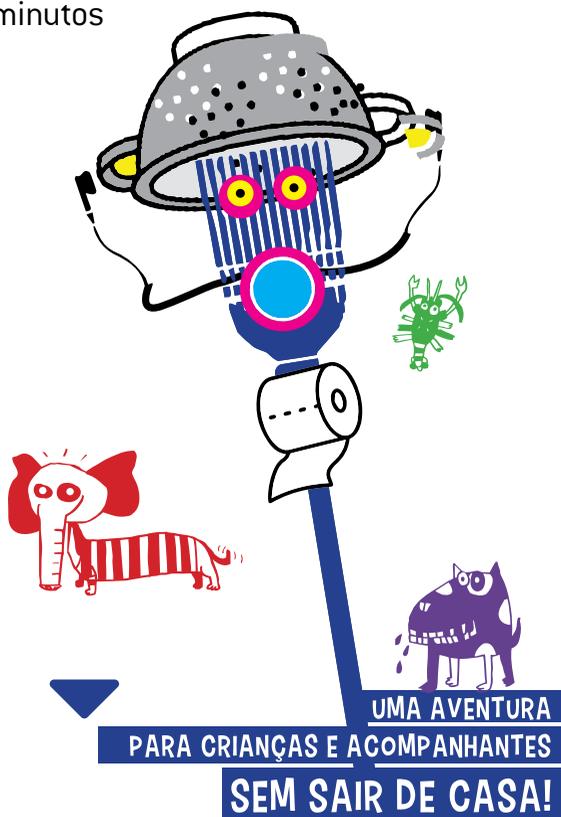
PLANETA BRUUUUMMMFFF!!!

Embarque em uma misteriosa e divertida expedição interplanetária!

Com Artefactos Bascos, BiNeural-MonoKultur & Difusa Fronteira

25 minutos

Ilustração: Ielxuu Ortueta



SOBRE ISSO QUE EU QUERIA TE FALAR

Um inusitado passeio pelo interior de nossas casas.
Com BiNeural-MonoKultur & Difusa Fronteira
25 minutos



Reinventar É PRECISO



EM MEIO À PANDEMIA, A PROGRAMAÇÃO DO CPT_SESC ESTÁ DISPONÍVEL ONLINE, AMPLIANDO O ACESSO A CONTEÚDOS DE REFERÊNCIA PARA A ÁREA TEATRAL

Em diálogo com o legado deixado por seu mestre e coordenador, o diretor Antunes Filho (1929-2019), o Centro de Pesquisa Teatral se reinventou e se adaptou à contingência causada pela pandemia do novo coronavírus. Em formato digital, com artistas, diretores e pesquisadores convidados, o CPT_SESC inaugurou uma nova fase, em setembro, com o *Seminário CPT 2020*, dando seguimento à pesquisa e ao fazer teatral nos meses de outubro, novembro e dezembro.

As atividades incluem bate-papos, debates, ateliês de dramaturgia, mostras digitais do acervo, laboratórios e cursos. À frente dessas ações estão atores, diretores, pesquisadores e outros artistas que tiveram alguma ligação com o Centro em sua trajetória profissional, como os fotógrafos Emídio Luisi, Lenise Pinheiro e Bob Sousa, as dramaturgas Silvia Gomez e Michelle Ferreira e o cenógrafo JC Serroni, entre outros criadores convidados.

“É uma imensa alegria apresentar essa nova programação do CPT_SESC, uma verdadeira amálgama entre legado e porvir. Algo que só poderia acontecer a partir dos caminhos e descobertas proporcionados pelo imenso mestre Antunes Filho, agregados à força das tantas vozes do teatro contemporâneo, necessárias e incansáveis a reinventar o teatro e o mundo”, explica Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

Entre os destaques da programação, mostras digitais do acervo de peças encenadas pelo CPT, com figurinos, cartas, peças gráficas e outros itens. Integram a mostra: *A Pedra do Reino* (2006), desde 14/9; *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (1986), a partir de 14/10; *Xica da Silva* (1988), a partir de 14/11; e *Tragédias* (de 2001, 2002 e 2005), a partir de 10/12. Todas as apresentações são acompanhadas por novos encontros que compõem o *Círculo de Debates - Memória, Acervo e Pesquisa*.

Confira a programação completa em www.sescsp.org.br/cpt

É UMA IMENSA ALEGRIA APRESENTAR
ESSA NOVA PROGRAMAÇÃO DO CPT_SESC,
UMA VERDADEIRA AMÁLGAMA ENTRE LEGADO
E PORVIR. ALGO QUE SÓ PODERIA ACONTECER
A PARTIR DOS CAMINHOS E DESCOBERTAS
PROPORCIONADOS PELO IMENSO MESTRE ANTUNES
FILHO, AGREGADOS À FORÇA DAS TANTAS VOZES
DO TEATRO CONTEMPORÂNEO, NECESSÁRIAS E
INCANSÁVEIS A REINVENTAR O TEATRO E O MUNDO.

DANILO SANTOS DE MIRANDA,
diretor do Sesc São Paulo



Ielbxu Ortueta

VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Conhecer novos lugares ganhou outro significado dadas as restrições provocadas pela pandemia. Por isso, o Turismo Social do Sesc São Paulo convida o público a experimentar viagens sem sair de casa. Desde setembro, adultos e crianças podem embarcar e desembarcar apertando o *play* em uma das duas opções de audiotours disponíveis na Plataforma Sesc Digital. São conteúdos criados pela BiNeural-MonoKultur, companhia fundada em 2004 pelos diretores e dramaturgos Ariel Dávila (Argentina) e Christina Ruf (Alemanha). O primeiro é *Sobre Isso Que Eu Queria Te Falar*, um audiotour individual, inspirado em obra de Edgar Allan Poe, e o segundo é *Planeta BRUUUMMMFFF*, este criado com a parceria da Artefactos Bascos, pensado para um adulto acompanhado de uma ou duas crianças, rumo a um planeta imaginário. A produção é assinada pela Difusa Fronteira. A experiência fica disponível até o dia 5/12. Confira: www.secsps.org.br/secsdigital

JORNALISMO EM PAUTA

O Sesc realiza, nos dias 24 e 25/10, o *Fala! – Festival de Comunicação, Cultura e Jornalismo de Causas*. O evento online reúne profissionais das artes e da comunicação para discutir experiências populares e comunitárias de jornalismo, com pautas como direitos humanos, combate às discriminações e às desigualdades. Ao todo, serão quatro mesas de debates, sendo duas no sábado e duas no domingo, das 10h às 12h e das 15h às 17h, pelo canal do YouTube do Sesc 24 de Maio. Na véspera do evento (23/10), às 16h, haverá a live do Sesc Ideias *O Poder da Arte e da Cultura na Reinvenção do Jornalismo*, com participação da jornalista e pesquisadora Rosane Borges; do artista Antonio Juníão, diretor de arte da Ponte Jornalismo; e da poeta e atriz Elisa Lucinda, com mediação da jornalista Adriana Reis, da *Revista E*. O festival é idealizado pelos coletivos Alma Preta (SP), Marco Zero (PE), 1Papo Reto (SP) e Ponte Jornalismo (SP).

FESTIVAL FAVELA EM CASA SP

Projeto inteiramente online, de multilinguagem e gratuito, o *Festival Favela em Casa SP*, realizado pelo Sesc São Paulo, idealizado e produzido pelo Coletivo Favela em Casa, reuniu várias produções artísticas provenientes das periferias em apresentações de música, literatura, dança, cinema, teatro e debates nos dias 18, 19 e 20 de setembro. Ao contemplar regiões da Grande São Paulo, o festival jogou luz sobre a diversidade das identidades. Na abertura, a live de música da cantora, rapper e compositora Drik Barbosa (foto) foi transmitida pelo Sesc Ao Vivo. Para assistir a essa e outras apresentações, bem como às rodas de conversa transmitidas, basta acessar o canal do YouTube do Sesc São Paulo e o Instagram do Festival Favela em Casa SP.

Bruno Trindade



SAÚDE COMEÇA NA BOCA

Neste ano, o projeto *Boca, pra que Te Quero?*, realizado pelo Sesc São Paulo em setembro, levou para o ambiente virtual a importância de falar sobre saúde bucal e autocuidado.

Para isso, o público pode conferir duas ações disponíveis online. Uma delas é o bate-papo *Boca e Suas Conexões com a Vida: Saúde Bucal para Além do Cuidado com os Dentes*, transmitido pelo Sesc Ideias no canal do YouTube do Sesc São Paulo, com a participação dos especialistas Carlos Botazzo, Elizabeth Cristina Fagundes de Souza e Samuel Jorge Moysés. Outra ação realizada é a série de animação exibida no portal do Sesc São Paulo com três cordéis que narram de maneira criativa as funções sociais da boca. Saiba mais: www.secsps.org.br/bocapraquetequero e www.youtube.com/secsps.



Pietro Cantum / Ilustração: Tom D'Agostino



Inspirado em correspondências e cartas enviadas por familiares e amigos, o espetáculo *Cartas para um Outro Tempo*, da São Paulo Companhia de Dança (SPCD), parte da conexão a distância, típica deste momento de quarentena, e das sensações provocadas por estes tempos de pandemia. Com dramaturgia de Bastian Thurner e direção artística de Inês Bogéa, os bailarinos Leticia Forattini e Otávio Portela apresentam-se no espaço doméstico. Assista no *Dança #EmCasaComSesc* no canal do YouTube do Sesc São Paulo.

DIREITO À ALIMENTAÇÃO

Quais os efeitos da crise global gerada pela pandemia sobre o sistema alimentar e a segurança alimentar e nutricional no Brasil? Esse é o tema que conduzirá a ação online da quarta edição do *Experimental! Comida, Saúde e Cultura*, realizada pelo Sesc São Paulo no dia 14/10, em decorrência do Dia Mundial da Alimentação (16/10). Sob a mediação da historiadora Adriana Salay Leme, o debate *Alimentação: Um Direito de Todos* conta com a participação de Frei Betto, frade dominicano, escritor e assessor da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, de Daniel Balaban, economista, diretor representante do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas no Brasil, e de Elisabetta Recine, doutora em saúde pública e professora do Departamento de Nutrição da Universidade de Brasília (UnB). Acompanhe no canal do YouTube do Sesc São Paulo. Outros conteúdos que abordam o universo da alimentação, suas relações com saúde e cultura estão disponíveis em www.secsp.org.br/experimenta.



ENSINO REMOTO

AS AULAS ONLINE GANHARAM ESPAÇO EM TODAS AS ETAPAS DA EDUCAÇÃO, REVELARAM A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS E EXPLICITARAM A DESIGUALDADE SOCIAL

São muitos os desafios da educação no Brasil, e a pandemia exacerbou alguns deles para a sociedade. É o caso da exclusão digital de milhões de brasileiros e da falta de capacitação de professores do ensino básico ao ensino superior para a utilização de recursos tecnológicos. Especialista em ensino online, a professora Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), avalia esse cenário desde os primeiros meses de isolamento social, em que escolas e universidades passaram a adotar novas estratégias de continuidade. Nesse percurso, diferentemente do que se pensou no início, essa nova realidade não era uma adaptação das aulas presenciais para o ambiente online. Com isso, surgiram necessidades ainda mais complexas. “É uma outra aula, é uma aula diferente. Ela não é exatamente a mesma que você faz no presencial. Ou seja, o fato de desenvolver uma aula online requer que você reveja suas metodologias e até os modos de apresentar o conteúdo, caso esteja trabalhando com materiais de apoio”, destaca Beth Almeida. “Além disso, não basta ter fluência tecnológica, porque não é para dar aula de tecnologia, mas ter um conhecimento pedagógico do uso da tecnologia.” Os alunos também precisam aprender a pesquisar informações na internet, aprender a discernir notícias falsas e verdadeiras, fontes confiáveis e não confiáveis. E, mesmo que todos esses aspectos sejam contemplados, ainda há outra preocupação. “Muitos dos alunos que ficaram de fora da escola todo esse período (da pandemia) vão evadir e não voltarão mais para a escola. E isso é assim em todos os níveis da educação, mas, sobretudo no ensino médio, isso é mais sério”, alerta.





Foto: Adriana Vichi

Do começo da pandemia para cá, como foi o processo de retomada das aulas exclusivamente no ambiente online?

Mesmo as instituições que tomaram a decisão de manter o período letivo em andamento, e não suspendê-lo, adotando atividades remotas, como foi o caso da PUC [Pontifícia Universidade Católica] de São Paulo, não passaram a trabalhar com o que é chamado educação a distância, de maneira clássica. Porque a base da educação a distância é a flexibilidade de espaço e de tempo. As aulas remotas flexibilizaram o espaço. Passaram a acontecer por meios digitais, mas o tempo das aulas era o mesmo, o que foi um problema. Porque, uma coisa é você na universidade dar uma aula presencial de duas ou três horas, fazer intervalos. Você não está com a sua atenção centrada numa tela. Então, isso constituiu um problema, porque aí é que os professores se deram conta de que uma aula virtual não significa apenas a comunicação online.

E o que constitui essa aula virtual?

Essa nova aula, mesmo que apoiada em alguns recursos, demanda novos modos de desenvolvimento. Ela não é exatamente a mesma que você faz no presencial. Ou seja, desenvolver uma aula online requer a revisão de metodologias e até dos modos de apresentar o conteúdo caso haja materiais de apoio. E mesmo que seja uma aula baseada no falar do professor, esse professor não pode falar por muito tempo seguido. Ele não aguenta e os alunos muito menos. Então, o professor tem que adotar novas metodologias. É aí que ele começa a perceber que trabalhar com atividades remotas é muito diferente de trabalhar com atividades presenciais. Ele refaz o planejamento, busca novas formas para poder atender melhor o alunado e até para ele também se sentir mais confortável. Acontece que isso funciona de maneiras diferentes porque, quando você tem um número de alunos que não é muito grande, você consegue desenvolver uma atividade bastante dialógica e participativa, mas se você tem uma turma de 80 ou 100 alunos não dá para fazer isso. Vira uma grande conferência e algumas perguntas se abrem para poucos, e a maioria não participa. Ela está lá assistindo sem prestar atenção em nada.

Nestes meses de improviso da educação feita por meio digital, os alunos estão conseguindo apreender os conteúdos ou vamos ter aí uma lacuna?

Começou meio improvisado, mas os professores foram se adaptando porque também não dá para fazer tudo

OS ALUNOS TÊM QUE SER PREPARADOS E EDUCADOS PARA PARTICIPAR DE UMA SOCIEDADE QUE ESTÁ IMERSA NA CULTURA DIGITAL. SE ISSO NÃO OCORRER, ELAS NÃO TERÃO ACESSO SEQUER AOS SERVIÇOS DE CIDADANIA QUE ESSAS TECNOLOGIAS OFERECEM

improvisado na aula online. Você tem que ter um planejamento até mais detalhado do que no presencial. A primeira coisa que a gente precisa separar da educação básica do ensino superior é que no segundo você já está trabalhando com um aluno adulto, já existe uma forma diferenciada de fazer a mediação com eles. No ensino superior, várias instituições têm uma avaliação boa. Os alunos fizeram uma avaliação bastante interessante das atividades remotas. Ainda que reclamem da falta do presencial, reconhecem o esforço dos professores, reconhecem que aprenderam e reconhecem que foi possível fazer, sim, com que o semestre não estivesse perdido, digamos assim. Mas isso quando as turmas não são muito grandes. Porque, quando as turmas são, fica bem mais difícil para os alunos terem o mesmo aproveitamento que provavelmente teriam na aula presencial.

Além do número de alunos, outras questões podem dificultar. Por exemplo, numa aula de Física ou de Matemática, como fica o contato dos alunos com fórmulas e resolução de problemas?

Se o professor se valer da demonstração de fórmulas no quadro branco, que é o que mais se usa hoje, vai ser um horror mesmo. Mas existem tantos recursos digitais de simulação de fenômenos físicos, de conceitos matemáticos, que, se o professor se valer de tudo isso,

certamente os alunos terão um aprendizado bastante interessante. No entanto, isso vai demandar do professor um maior tempo na organização da aula, caso ele não utilizasse esses recursos anteriormente, nas aulas presenciais. Porque não tem problema algum, numa aula presencial, buscar recursos em laboratórios de física virtuais. Há muitos laboratórios de física, de química, de biologia, de matemática. Coisas belíssimas nas ciências da saúde, áreas médicas, simulações muito interessantes. Mas, se o professor não fazia isso antes, fazer isso no virtual é mais complicado ainda. Então, exige uma mudança muito grande nos modos de desenvolver as aulas. Se você está na aula de Direito, de Filosofia, você pode estabelecer debates, discussões de caso entre alunos, de maneira virtual, e é muito rico. O grande potencial que temos agora é trabalhar com recursos e espaços educativos que estão fora do sistema formal de educação. Por exemplo, fazer uso dos museus para um trabalho de história e de ciências. Então, você faz a integração de diferentes espaços, inclusive dos não formais, e tem um ganho aí que é a abertura do currículo.

Além da questão do suporte, tem a questão humana. Precisamos capacitar o professor, já que uma coisa é a aula presencial e outra coisa a aula virtual?

Sim. A PUC, por exemplo, se lançou muito rapidamente nisso. No momento em que decidiu continuar com o período letivo, ela reforçou a estrutura tecnológica, a princípio não tanto quanto precisava, mas foi atenta a isso e continua investindo em melhorias. Ainda tem o que melhorar, claro, mas respondeu rapidamente e se fortaleceu. Ao mesmo tempo, ela lançou oficinas de formação de professores. Oficinas voltadas para metodologias específicas de aulas, de relacionamento pedagógico e, sobretudo, metodologias ativas, que são aquelas em que os alunos fazem algumas atividades durante a aula e não ficam passivos ouvindo o

professor. A PUC ainda realizou oficinas de apropriação tecnológica. Na PUC, temos professores que trabalham com tecnologia há muito tempo (eu sou da linha de pesquisa de tecnologias da educação), mas há muito professor que não tinha uma fluência tecnológica grande. E, além de tudo, não basta ter uma fluência tecnológica boa, porque não é para dar aula de tecnologia, mas ter um conhecimento pedagógico do uso da tecnologia. Ou seja, entender que contribuições cada recurso utilizado pode trazer para os processos de ensino e aprendizagem.

Poderia dar um exemplo disso?

Uma coisa simples: o WhatsApp. Todos nós usamos, mas para uma conversa social, não com a finalidade de aprender ou de ensinar. E se começarmos a pensar no que fazer por meio dele... Ele me permite atingir, rapidamente, todos os meus alunos. É muito mais fácil atingir meus alunos mandando o link de um vídeo que quero que vejam antes da minha aula do que colocando esse link no nosso ambiente virtual. Na área médica, há até pesquisas sobre isso. Um professor trabalhava usando ambientes virtuais para discutir casos com alunos no final do curso de Medicina. Eles estavam trabalhando com questões de emergência médica. Aí, o professor resolveu que o mais interessante era que os alunos participassem de situações autênticas da emergência. Então, quando havia alguma situação interessante na emergência, o professor adicionava os alunos num grupo de WhatsApp e essa emergência era filmada e transmitida para o grupo. Assim, os alunos iam discutindo a situação à medida que ela acontecia. E isso é possível em muitas áreas.

Há uma formação para que os alunos possam aproveitar melhor as aulas em plataformas digitais?

É preciso preparar o aluno. Porque o aluno não vê a tecnologia digital como sendo um recurso para aprender. Ele vê como um recurso para o relacionamento, por meio das redes sociais, para criar alguma informação; então,

QUANDO SE DECIDE
TRABALHAR
COM EDUCAÇÃO
REMOTA, É PRECISO
LEVAR EM CONTA
AS CONDIÇÕES
DE TODOS OS
PARTICIPANTES E
CRIAR MEIOS DE
PARTICIPAÇÃO

é preciso conscientizar o aluno da importância desses recursos para a aprendizagem, da especificidade que eles têm, e ajudá-lo a descobrir essa outra forma de usar esses recursos. No entanto, é necessário levar em conta que só criar o curso e trabalhar online não resolve. Quando se decide trabalhar com educação remota, é preciso levar em conta as condições de todos os participantes e processo e criar meios de participação.

Se não forem levadas em consideração as condições concretas de conexão, de acesso, de vida dessas pessoas, como um aluno que não tem tecnologia à mão vai participar das aulas online? Então, na PUC de São Paulo, a Fundação São Paulo (que é a mantenedora da instituição) emprestou computadores a alunos que não tinham acesso a eles. Há muitos alunos bolsistas, grupos de alunos carentes, e a Fundação fez um contrato emprestando laptops com pacote de dados para que tenham conexão com a internet. Afinal, do que adianta só o hardware sem a conexão?

Esse é um ponto importante pois para uma grande porcentagem de alunos da rede pública de ensino o acesso à internet é precário ou inexistente.

Isso ocorre mesmo nas universidades públicas. O MEC [Ministério da Educação] acabou de informar que está adotando uma medida para que todas as universidades federais possam fornecer conexão para os seus estudantes. Porque tendo conexão, o aluno já tem um bom caminho andado. Um celular na mão, ainda que não seja a melhor das condições, com conexão, já é um passo importante. Aqui em São Paulo, no que se refere à educação básica, tanto a secretaria do estado quanto a do município criaram todo um sistema com aulas online, aulas por rádio e televisão, além de material impresso distribuído aos alunos. Mas há uma série de problemas aí. Tem professor que não tem uma boa conexão e recursos adequados para dar aula. E um grande percentual de alunos que, quando muito, tem um celular na família. Muitos alunos da educação básica moram na periferia, em áreas de invasão, onde o material impresso

não vai chegar a suas casas porque, até para se matricular na escola, usam um endereço de outra pessoa. E tem gente que tem problema de energia elétrica. Então, a pandemia explicitou o nosso grande problema, que é a desigualdade social. A desigualdade social deixa de fora dos processos educacionais justamente o estudante que mais precisa da escola.

O GRANDE
POTENCIAL QUE
TEMOS AGORA
É TRABALHAR
COM RECURSOS
E ESPAÇOS
EDUCATIVOS
QUE ESTÃO FORA
DO SISTEMA
FORMAL DE
EDUCAÇÃO

As condições atuais colaboram ainda mais para o aumento da desigualdade social?

Exato. Assim que foi instituída a continuação do período letivo, coordenei com o grupo de pesquisa em que trabalho a tarefa de transformar tudo para a educação remota. Nós adotamos o lema: “Ninguém de fora”. Para isso tivemos que conhecer quais são as condições de acesso de professores e de alunos e ajudar todo mundo a participar. Também tivemos a iniciativa de abrir inscrição de alunos voluntários para serem monitores. E foi surpreendente a quantidade de alunos que se propuseram a isso. Então, cada professor tem um aluno monitor que trabalha junto a ele e que dá o apoio relacionado à tecnologia aos colegas e ainda discute com o professor as questões pedagógicas. Funcionou superbem. Esses alunos monitores chegaram ao fim do semestre agradecendo por terem participado, porque foi um momento de formação privilegiada para eles. Na sala de aula, talvez eles não tivessem a oportunidade de trabalhar tão perto de professores que são referência em suas áreas de conhecimento.

Que outros resultados vocês já obtiveram a partir dessa experiência?

Nós ainda percebemos a grande discrepância entre alunos de pós-graduação, mestrado e doutorado no quesito de fluência tecnológica. Há alunos com domínio fantástico, que ajudam os colegas, e outros alunos que apresentaram muitas dificuldades, que é o próprio trato com a tecnologia. Aí, esses alunos descobriram um



outro universo de conhecimento, o que está, inclusive, influenciando teses e dissertações. Fora isso, todos falam muito da saudade do presencial, de encontrar todo mundo, mas reconhecem que essas aulas remotas foram um grande avanço e que trouxeram um aprendizado muito grande, o que é fundamental porque eles terão que se preparar para conviver com essa realidade daqui para a frente. Não estamos num momento pontual, nós estamos na entrada de um período que não sabemos quantos anos vai durar. Podemos ter aí uma vacina para esse vírus, mas outros podem vir.

Em relação ao aluno, incentivá-lo a usar o computador para aprender é uma coisa, mas o desenvolvimento de uma tecnologia de aprendizado é outra. Há tanta coisa na internet que é fácil se perder em meio ao conteúdo. Como lidar com isso?

O aluno precisa aprender a fazer a busca, a ter objetividade, a identificar a informação que é verdadeira e confiável. Precisa saber separar o que é falso, não confiar em tudo que chega pelo WhatsApp dele. E é preciso fazer isso com estudantes de todos os níveis. Nós não temos uma disciplina específica para isso, mas temos atividades em, sobretudo, disciplinas de pesquisa, em que isso é muito trabalhado com os alunos. Agora, também na educação básica é preciso fazer isso. Não é necessário criar uma disciplina, mas os alunos têm que ser preparados e educados para participar de uma sociedade que está imersa na cultura digital, que se integra com outras culturas. Se isso não ocorrer, eles não terão acesso sequer aos serviços de cidadania que essas tecnologias oferecem.

Em relação ao ensino básico, estamos falando de uma garotada que está aprendendo muita coisa da vida pelo computador. Como mediar essa situação?

Esses alunos são da geração YouTube, que acredita que o YouTube explica tudo e que está tudo lá. Agora, tem tudo de bom e tudo de ruim ali. Esse é um processo que deve ser muito trabalhado. A educação que chamavam antigamente para as mídias é uma educação com as mídias, com as tecnologias, para que eles aprendam a distinguir as informações, a distinguir o que é falso, o que é verdadeiro, entender e ter um olhar crítico sobre o conteúdo e sobre a própria tecnologia. Por exemplo, é importante que o professor ajude o aluno a desenvolver um olhar crítico sobre o vídeo que ele busca e assiste no YouTube, a

compreender o que está além daquele *youtuber* famoso que está fazendo determinada coisa ali não porque ele é engraçado, mas porque está divulgando um produto. E quem vai chamar atenção disso para o aluno é o professor. Por que ele está falando desse produto e não de outras coisas? Isso precisa ser trabalhado já com as crianças.

Então, é urgente a capacitação do professor do ensino fundamental para esse novo cenário?

Sim. E ainda há um grande desafio, porque nós temos uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que até fala de tecnologias, bem mais do que os documentos do currículo formal falavam antes. Mesmo assim, não é um documento que foi escrito para dar conta de uma situação como a pandemia. Então, não tem essa ênfase de orientação curricular para a prática da educação básica integrada com as tecnologias. Da mesma maneira, não enfatiza a apropriação das tecnologias na formação dos professores. A BNCC não traz tudo o que precisa, mas avança em relação aos documentos anteriores no que se refere às tecnologias. Agora, a BNC do professor é interessante, tem concepções educacionais avançadas, mas em relação às tecnologias ela não tem quase nada, ela não oferece orientações para a preparação de professores. Se você seguir aquele documento, ele não dá conta de preparar professores para trabalhar na cultura digital e menos ainda para trabalhar numa situação em que ele tem que dar uma aula remota, por exemplo. Então, isso é um grande problema. Até hoje, os nossos cursos de formação de professores pelo Brasil afora, na prática, também não dão conta do que é demandado em relação às tecnologias na educação, no processo de ensinar e de aprender, e mesmo no desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre as mídias e as tecnologias.

Já havia uma necessidade de mudança curricular para se adequar à questão tecnológica. Agora isso é ainda mais urgente?

Exato. Agora, esse novo currículo terá que ser mais aberto, mais flexível e mais integrado à realidade. Ou seja, é um currículo que vai trabalhar — sem deixar de lado o conhecimento formal e sistematizado — com os problemas que surgem na realidade e ajudar os alunos a fazer uma leitura dessa realidade, a compreender as problemáticas, a ser um sujeito ativo na busca de solução para os problemas do seu contexto e da sua escola. E, para trabalhar nessa perspectiva mais aberta, os currículos não podem ser listas de conteúdos ou, como alguns dizem, grades de conteúdos. Tem que acabar com as grades.

Há muito debate sobre a distância entre o que ainda se ensina nas escolas e o que a realidade da sociedade, do trabalho, pede.

Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino médio teve uma proposta diferenciada. A proposta de um currículo mais flexível e com itinerários formativos [*uma formação à parte que o estudante escolherá a partir de suas preferências e intenções de carreira. Os itinerários são voltados ao empreendedorismo, à investigação científica e à mediação e intervenção sociocultural*]. Entretanto, as escolas receberam aquilo com muito ceticismo. Não há corpo docente para implantar os itinerários formativos. Ou seja, essa é uma proposta que poderia ser interessante se as escolas tivessem condições estruturais e físicas, mas também corpo docente que desse conta desses itinerários. O que a escola vai ter que fazer, então? Ela vai ter que verificar que competências os professores dela têm para incluir itinerários formativos, já que estes estão para além das disciplinas clássicas.

O ensino médio hoje no Brasil é o grande gargalo devido à imensa evasão escolar. Levando em conta a questão do ensino a distância, o que deve ocorrer com o atual cenário? Ele deve se agravar?

Acho que os problemas educacionais só vão se agravar, não só no ensino médio. Muitos dos alunos que ficaram de fora da escola todo esse período (da pandemia) vão evadir e não voltarão mais para a escola. E isso é assim em todos os níveis da educação, mas, sobretudo no ensino médio, isso é mais sério. Porque no ensino fundamental ainda há um controle maior, o professor ainda tem uma influência maior sobre os alunos, os pais também, mas no ensino médio a situação será calamitosa, e mesmo o ensino superior também terá um aumento no índice de desistência. Por isso que nós, na PUC, nos lançamos no esforço de não deixar ninguém de fora. Se um aluno, ainda mais do ensino médio, que já é um adolescente,

ficou quatro meses sem frequentar a escola porque não conseguiu participar de nada, ele perdeu o vínculo com a escola. Isso é dramático. Digo o seguinte: todos os problemas educacionais que nós já tínhamos, com essa pandemia, se tornaram ainda mais graves.

Vai surgir uma geração com características diferentes do aluno “analógico”? E quais seriam essas características?

Em primeiro lugar, não acredito que os alunos vão querer ser exclusivamente digitais. Não é fácil nem desejável ser totalmente digital. Todos têm

necessidade de encontrar as pessoas, do olho no olho, de dar e receber abraços. Se você conversa com crianças e adolescentes, eles falam que querem voltar para a aula presencial também. Entre os adultos isso é um pouco diferente, porque a compreensão da situação é distinta. A geração que está aí, frequentando os bancos escolares neste momento, tende a ter uma maior autonomia para fazer suas atividades e para buscar informações, então, vale a pena acompanhar esses grupos para entender as mudanças que irão sugerir nessas crianças. Mas, certamente, essa situação deixará muitas marcas nos modos de ser e de estar no mundo de todas elas. Há muitas situações em que as crianças estão ficando mais solidárias, porque estão se envolvendo em iniciativas das suas escolas ou dos seus pais, mas também tem muitas crianças cujas carências aumentaram. ■

NÃO ESTAMOS
NUM MOMENTO
PONTUAL, NÓS
ESTAMOS NA
ENTRADA DE UM
PERÍODO QUE
NÃO SABEMOS
QUANTOS ANOS
VAI DURAR

Cinema expandido

Divulgação





MAIOR ALCANCE
E NOVOS PÚBLICOS
ALIMENTAM A EXIBIÇÃO
DE PRODUÇÕES,
DEBATES E FRUIÇÃO
DA SÉTIMA ARTE

Cena do filme *Cinema Paradiso*, que estreou no Brasil em 1990: dirigido por Giuseppe Tornatore, o filme faz uma declaração de amor ao cinema que hoje, de portas fechadas, ainda encanta o mundo em outros formatos de exibição

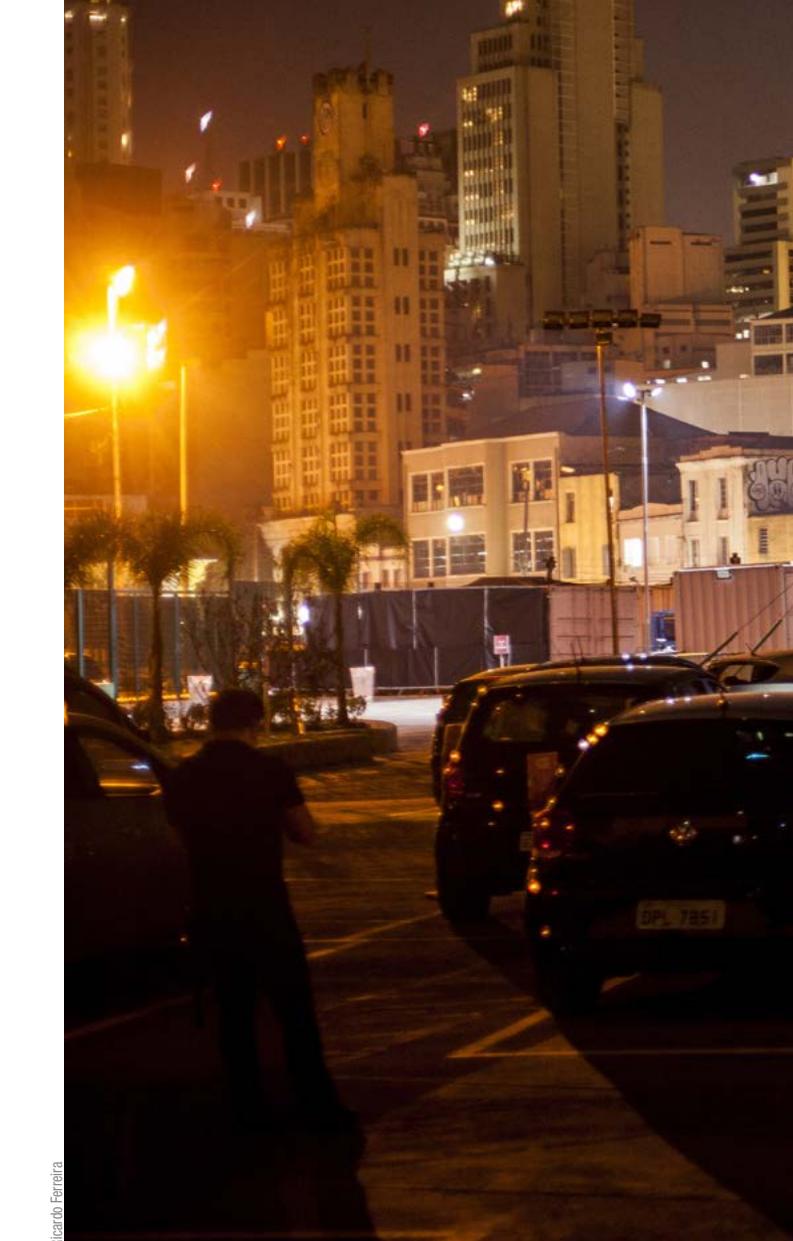
Naquela caixa escura, onde projetam-se imagens na tela ao fundo, a mágica acontece. De olhos vidrados e boquiabertos, acompanhamos o primeiro beijo dos protagonistas, o triunfo de soldados em guerra, um trem que apita ao sair da estação. Essa experiência única de encontro e de catarse foi captada pelas lentes do diretor italiano Giuseppe Tornatore em *Cinema Paradiso*. Lançado no Brasil há exatos 30 anos, o longa fazia uma declaração de amor ao cinema que hoje, de portas fechadas, segue encantando o público em outros formatos de exibição.

Na televisão, no computador ou no smartphone, ficções, documentários e animações são exibidos por plataformas pagas e gratuitas de *streaming on demand*. Um suporte que crescia antes mesmo da pandemia e só ganhou força com o fechamento das salas de cinema para a contenção da Covid-19. Ainda que a experiência do encontro e do compartilhamento esteja pausada, as plataformas digitais cativam novos espectadores e até mesmo os saudosos cinéfilos da fila da pipoca.

Além dessa expansão para o ambiente online, tradicionais alternativas tiraram a poeira do tempo e retomaram atividade, caso dos cines drive-ins. Populares entre as décadas de 1950 e 1970, tornaram-se “novidade” para uma geração de crianças, adolescentes e jovens que desconhecia a possibilidade de assistir a um filme dentro do carro, de janelas fechadas e sintonizando a frequência do rádio.

“Acho que nunca se viu tanto cinema quanto agora”, disse o cineasta e ensaísta Carlos Augusto Calil, professor de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), no debate *Cinema em Tempos de Pandemia* do Sesc Ideias, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. Além do aumento de público, o professor constata a grande quantidade e diversidade de opções ao alcance de um clique. “Nunca se viu tanta obra instigante de todas as partes do mundo. E esse consumo se dá em todos os veículos à disposição”, comentou.

Mais um espaço que teve de se ajustar às medidas de restrição social por causa do novo coronavírus foi o cineclubes. Por exemplo,



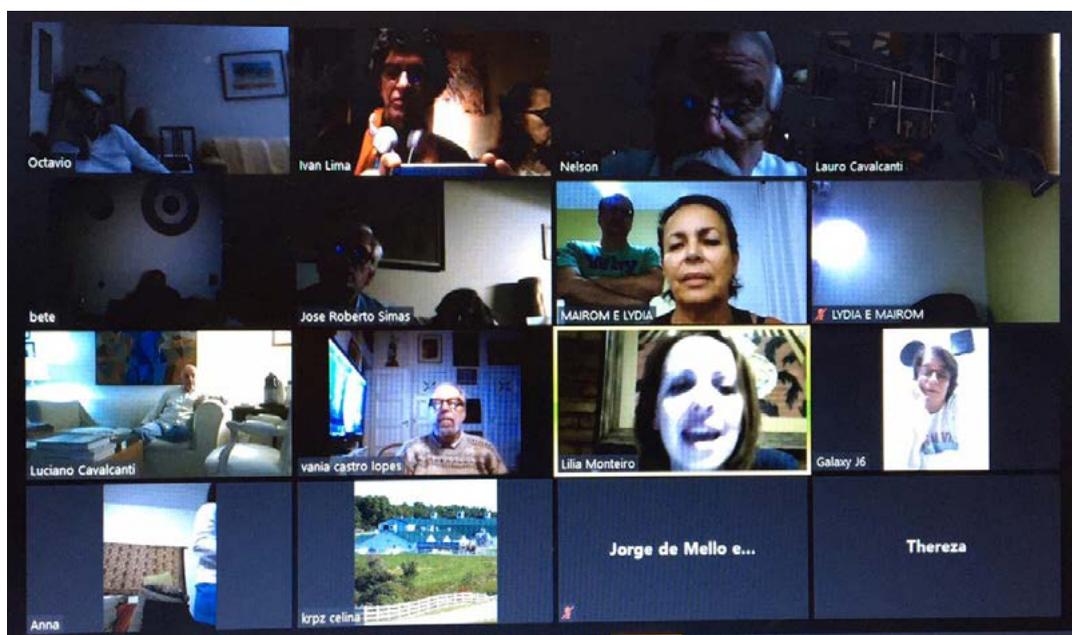
Ricardo Ferreira

Bacurau (Brasil, 2019), de Kleber Mendonça Filho e outras produções nacionais e internacionais são exibidas na programação do CineSesc Drive-In, realizada no Sesc Parque Dom Pedro II

atualmente, o cineclubes Raul Lopes, em Petrópolis (RJ), segue ativo pelo aplicativo de videochamada *Zoom*. “Agora nosso cineclubes tem gente de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Recife, até de Vancouver e de Lisboa. Em média, são 20 janelas abertas no aplicativo, e do outro lado tem muito mais gente. Inclusive um senhor de 92 anos que antes dirigia 20 quilômetros para chegar ao cineclubes e agora está online”, descreve Lilia Monteiro, programadora do espaço. A plataforma digital ainda “horizontaliza o debate”, segundo Lilia. “Todos se veem e se sentem à vontade para falar nos debates. É uma experiência nova.” ▶



Numa sala virtual, o Cineclube Raul Lopes, em Petrópolis (RJ) é um exemplo de como encontros e exibições online mantêm um público cativo de cinéfilos



Divulgação

Múltiplos formatos

NA TELONA DO DRIVE-IN OU NAS TELAS DO COMPUTADOR E DO SMARTPHONE, FILMES CHEGAM GRATUITAMENTE AOS AMANTES DE LONGAS E CURTAS

Portátil ou não, o cinema foi redimensionado por alternativas que mantêm a conexão entre espectador e as mais diversas narrativas. Seja qual for o formato, o que vale mesmo é a emoção ao mergulhar em histórias fantásticas, dramas pessoais ou aventuras surreais. Por entender a sétima arte como uma linguagem imprescindível à educação e à formação cultural da sociedade, o Sesc leva ao ambiente virtual uma curadoria de longas e curtas-metragens nacionais e internacionais exibidos pelo *Cinema #EmCasaComSesc* na plataforma do Sesc Digital. Toda semana são disponibilizados novos títulos.

O Sesc também promove em suas redes debates, cursos e encontros online para discussão do cinema com pesquisadores e especialistas. Além disso, inaugurou um cinema a céu aberto no dia 29 de agosto: o CineSesc Drive-In. Instalado no Sesc Parque Dom Pedro II, na região central da cidade, o espaço com capacidade para 30 veículos exhibe filmes nacionais e estrangeiros.

“As ações de cinema realizadas pelo Sesc São Paulo têm por objetivo a continuidade ao trabalho socioeducativo desenvolvido nas unidades, além de fomentar o setor audiovisual e ampliar o alcance dessas atividades a novos e diversificados públicos”, explica Rosana Paulo da Cunha, gerente de Ação Cultural do Sesc São Paulo.

Confira alguns destaques da programação de outubro:

Cinema
#EmCasaComSesc

+ de **580**
mil acessos

+ de **130**
filmes exibidos

Fonte: Sesc São Paulo/
de junho a setembro de 2020



One Fine Day Films

Supa Modo (Quênia, 2018), de Likarion Wainaina, exibido na Mostra de Cinemas Africanos

Mostra de Cinemas Africanos

Depois da estreia em setembro, a Mostra de Cinemas Africanos dá continuidade, até o mês de novembro, à nova edição do *Cine África*, com vários títulos de ficção e documentários, alguns inéditos no Brasil. Sob curadoria de Ana Camila Esteves, o projeto online e gratuito traz 12 filmes (dez longas e dois curtas-metragens), todos legendados em português. São produções de Burkina Faso, Camarões, Egito, Etiópia, Nigéria, Quênia, Senegal e Sudão. Além das exibições, realizadas no *Cinema #EmCasaComSesc* na plataforma do Sesc Digital, haverá um bate-papo com o tema *Cinemas Africanos em Contexto Digital*, no dia 2/10, na live do projeto *Cinema da Vela*, tradicional encontro no Cinesesc, em São Paulo, que durante a pandemia ganhou versão online. O *Cine África* inclui ainda o curso *Cinemas Africanos: Trajetórias e Perspectivas*, com duração de três meses, e o lançamento de um e-book ao final da temporada. Confira a programação: www.sescsp.org.br/cineafrika.

Festival É Tudo Verdade

Principal evento dedicado exclusivamente ao documentário, a 25ª edição do *É Tudo Verdade* – Festival Internacional de Documentários exibirá filmes da programação no Cinema #EmCasaComSesc, dia 8/10. Ao todo, seis títulos poderão ser assistidos pelo público gratuitamente pela plataforma do Sesc Digital. Eles ficarão disponíveis por um mês. Além disso, haverá debates online pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF). Confira mais informações: www.etudoverdade.com.br e www.sesc.digital/cinemaemcasacomsecc.



Divulgação

Auto de Resistência (Brasil, 2018), de Natasha Neri e Lula Carvalho, premiado na 23ª edição do *É Tudo Verdade*, um dos festivais que passaram a ser exibidos integralmente em plataformas de *streaming*



Ribeiro Romero

Yãmiyhex: As Mulheres-Espírito (Brasil, 2019), de Sueli Maxakali e Isael Maxakali

Mostra Internacional de Cinema de São Paulo

A 44ª edição da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo exibirá, de 22 de outubro a 4 de novembro, aproximadamente 150 títulos do Brasil e de diversos países, como Argentina, Bolívia, Canadá, Alemanha, Finlândia, Grécia, Hungria, Irã, China, Japão e Líbano. A mostra será realizada em uma plataforma exclusiva, mas também terá alguns títulos gratuitos disponíveis na plataforma do Sesc Digital. Considerada uma das mais tradicionais mostras de cinema da cidade, essa edição homenageia com o prêmio *Humanidade* os funcionários da Cinemateca Brasileira, instituição que preserva a memória audiovisual do país e sofre com uma crise financeira sem precedentes. Confira informações: <http://43.mostra.org/br/home>.

Mostra Tiradentes – SP

Realizada pelo Sesc São Paulo, a *Mostra Tiradentes – SP* tem o propósito de aumentar as possibilidades de formação, reflexão, exibição e difusão do cinema brasileiro contemporâneo. De 1º a 7 de outubro, serão exibidos, 11 longas e 34 curtas-metragens nacionais pelo Cinema #EmCasaComSesc na plataforma do Sesc Digital. Esta oitava edição será norteadada pela temática *A Imaginação como Potência*, proposta pelo curador Francis Vogner dos Reis e abordada na 23ª Mostra de Cinema de Tiradentes (realizada em janeiro). Em São Paulo, a mostra amplia a reflexão com novos olhares e autores com discussões e perspectivas para imaginar outros mundos possíveis. Saiba mais: <http://mostratiradentesp.com.br> e www.sesc.digital/cinemaemcasacomsecc.

Nadando até o Mar Ficar Azul (China, 2020), de Jia Zhang-ke



Divulgação

► Público em alta

Da telona do cine drive-in à telinha de celulares, é possível assistir a produções da Etiópia, Líbano, China, Turquia, Alemanha... Obras que não tinham tanto apelo em plataformas de *streaming* passaram a ser apreciadas. “Não sei se esse hábito vai permanecer a longo prazo, mas agora, durante a pandemia, as pessoas estão variando em opções de filmes. Estudiosos internacionais apontam que a própria *Netflix* notou essa tendência: brasileiro assistindo conteúdo japonês, japonês vendo conteúdo alemão, alemão vendo conteúdo brasileiro”, conta a documentarista, professora e crítica de cinema Flávia Guerra.

Os festivais e mostras de cinema também impulsionaram esse aumento de opções de títulos e de público ao migrarem integralmente para o ambiente online desde o começo da pandemia. Saíram de cena o tapete vermelho, as festas e as aglomerações. Mesmo o Festival de Veneza, realizado presencialmente em setembro na cidade italiana, não ostentou o mesmo público e badalações. Segundo a Biennale, instituição que organiza o festival, a Sala Grande, onde acontecem as estreias oficiais, reduziu o número de assentos de 1.031 para 518. Veneza, no entanto, é um caso à parte, já que, em sua maioria, os eventos adotaram plataformas de *streaming*, muitas delas gratuitas.

Curadora da mostra *Cine África (saiba mais no box Múltiplos formatos)*, Ana Camila Esteves nota que, ao realizá-la no ambiente virtual, o alcance de espectadores aumentou consideravelmente. “Por mais que a gente goste da sala de cinema, dos encontros que os festivais promovem, agora a gente atinge um público nacional”, observa. “Por exemplo, na divulgação do *Cine África*, a gente teve matéria em jornal do Pará e de Fortaleza. Eu recebo mensagens de pessoas que nem cinema tem na cidade e que estão emocionadas porque agora podem assistir aos filmes e acompanhar as mostras. Isso é revolucionário.”

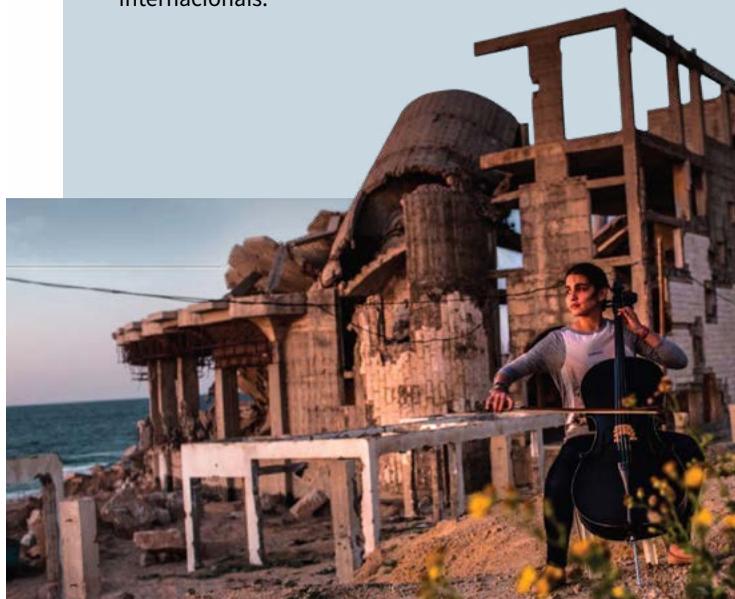
Apesar desse aspecto positivo, Ana Camila observa novos desafios. “Eu já tinha uma programação na minha cabeça para a edição presencial. Aí, quando veio a pandemia, a minha seleção mudou completamente. Nunca pensei que tivesse que formar um pensamento curatorial baseado nos aparelhos em que as pessoas iriam assistir aos filmes”, comenta. “Existem produções espetaculares, pela fotografia, que merecem a sala de cinema, a tela grande. Não desmerecendo outras, obviamente, mas para alguns ►

Passaporte internacional

PRODUÇÕES
DE DIFERENTES
PARTES DO MUNDO
INSTIGAM ESPECTADORES
A CONHECER OUTRAS
CULTURAS SEM
SAIR DE CASA

Antes limitados geograficamente às cidades e salas de cinema onde eram exibidos no Brasil, longas e curtas-metragens de diferentes continentes desembarcam na casa de novos espectadores durante a pandemia. Eles trazem enredos e conflitos tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos com aqueles experimentados pela população brasileira. No entanto, idiomas, paisagens, culturas e paradigmas identificam a singularidade dessas produções cinematográficas internacionais desconhecidas do grande público. No ambiente virtual, as plataformas de *streaming* nos permitem carimbar o passaporte em terras a milhares de quilômetros.

Confira alguns desses destinos internacionais:



Mostra de Cinema Egípcio Contemporâneo

Realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), com curadoria de Amro Saad, egípcio naturalizado brasileiro, a mostra exibiu gratuitamente, entre os meses de julho e agosto, 24 filmes de vários gêneros (da comédia ao terror), lançados entre os anos de 2011 e 2019. Na programação, destaque para *O Elefante Azul 2* (2019), de Marwan Hamed, uma das maiores bilheteiras do cinema egípcio contemporâneo. A mostra também promoveu debates, workshops e palestras. Conheça: www.orientse.com/mostra-de-cinema-egipcio-agenda.



Divulgação



Ascot Elite Entertainment Group

Panorama Digital do Cinema Suíço

A oitava edição do *Panorama Digital do Cinema Suíço*, e primeira edição online, exibiu gratuitamente, de agosto a setembro, 24 produções no *Cinema #EmCasaComSesc* na plataforma Sesc Digital. O público pôde assistir gratuitamente a 14 longas-metragens, além de dez curtas (cinco destes dedicados ao público infantil). Entre os destaques, a ficção *Praça Needle Baby* (2020), de Pierre Monnard, e o documentário *Madame* (2019), que trata de identidade de gênero a partir de retratos da família do diretor de Stéphane Riethauser.

8 ½ Festa do Cinema Italiano

Exibido de 28/8 a 10/9, a mostra apresentou filmes premiados nos principais festivais internacionais, documentários e animações online. Entre eles, *Martin Eden* (2019), de Pietro Marcello, *Nico, 1988* (2017), de Susanna Nicchiarelli, e *Aprendizado* (2019), de Davide Maldì. Na programação, alguns dos títulos foram exibidos pela primeira vez no Brasil. Saiba mais: <https://br.festadocinemaitaliano.com/>



Divulgação

Mostra Mundo Árabe de Cinema em Casa

Realizado pelo Instituto de Cultura Árabe e pelo Sesc São Paulo, de 28/8 a 27/9, o evento reuniu filmes exibidos pela primeira vez no Brasil e uma retrospectiva de outras edições, todos disponibilizados pelo *Cinema #EmCasaComSesc* na plataforma Sesc Digital. Além disso, promoveu debates com professores e cineastas. Entre os destaques exibidos, o documentário *Gaza* (2019), de Garry Keane e Andrew Mc Connell, sobre o cotidiano de um local diferente daquele normalmente apresentado pelos noticiários, composto de personagens resilientes. Saiba mais: <https://mundoarabe2020.icarabe.org>.



Divulgação



Abril e o Mundo Extraordinário (França/Bélgica/Canadá, 2015), de Christian Desmares e Franck Ekinci, é um dos filmes exibidos na programação do *Cinema #EmCasaComSesc*: novos títulos são lançados a cada semana

► filmes é uma perda ter a experiência de assisti-los apenas na televisão.”

Outra limitação, segundo a curadora, começa nos bastidores do evento. “Como os festivais são online, as produtoras, agências e distribuidoras estão mais cautelosas com as plataformas que exibem os filmes. Se elas estão geolocalizadas, ou seja, bloqueadas para o Brasil, para não haver problema de abrir a exibição para o mundo inteiro e o filme perder o ineditismo, por exemplo”, destaca. “Há também restrições quanto ao número de acessos. E eu não concordo em limitar o número de pessoas assistindo se justamente é essa a vantagem do atual cenário.”

Em cartaz, amanhã

E o futuro das salas de cinema? Seria o fim desses espaços? Outra grande preocupação é o cinema nacional, que segue enfrentando inúmeros obstáculos para realização e distribuição. “A crise de produção e da distribuição cinematográfica que estamos vivendo hoje é anterior à pandemia, portanto não acho que vai haver uma volta à normalidade porque não há normalidade para a qual retornar. Já estávamos num regime de fim de ciclo, um novo ciclo precisa ser reinventado”, disse o professor e cineasta Carlos Augusto Calil.

Para a documentarista Flávia Guerra, que no podcast [Plano Geral](#) fala sobre a linguagem e o mercado cinematográfico, haverá a retomada dos espaços

físicos de exibição, mas essa reabertura será gradual. “Fiz uma série de entrevistas para o [Projeto Paradiso](#) e todos os especialistas que entrevistei falaram que o cinema físico vai ter uma importância social ainda maior, principalmente para os bairros. O cinema de rua e mesmo os centros culturais e teatros que exibem produções vão ganhar mais importância social”, relata. “Como o CineSesc: ele não é só um lugar para exibir filmes numa tela, mas um lugar de encontros, debates, oficinas, discussões presenciais e online. Um lugar de vivência e de convivência para além de exibição.”

Já os festivais, ainda que retomem o formato presencial, podem voltar em edições menores ou realizar projeções em espaços abertos. “Também acho que o online vai fazer parte da nossa experiência de festival daqui para a frente”, aposta Ana Camila. Pensamento corroborado por Flávia: “Mesmo que o cinema presencial seja uma experiência única, social e necessária, não acho que após a pandemia os eventos de cinema fiquem restritos ao presencial. Até porque percebemos o impacto da democratização do acesso”.

O fato é que “ir ao cinema” — programa favorito dos paulistanos segundo a pesquisa *Viver em São Paulo: Cultura*, realizada pela Rede Nossa São Paulo e Ibope Inteligência, divulgada em 2019 — deve ganhar outro formato e importância. “Mas o cinema não vai acabar. Nem o cinema como linguagem, nem como sala, nem como veículo”, reiterou Calil. ■

The background is a vibrant collage of stylized fruits and beans. It features large red and yellow circles representing fruits, smaller teal circles, and various shapes of red, teal, and yellow beans scattered throughout. The overall aesthetic is playful and health-oriented.

EX PERI MEN TA!

COMIDA,
SAÚDE E
CULTURA

Alimentação: um direito de todos

Live com Frei Betto,

Daniel Balaban e Elisabetta Recine

Mediação: Adriana Salay Leme

14 de outubro/2020

das 10h às 12h

Assista ao vivo em youtube.com/sescsp

Saiba mais em sescsp.org.br/experimenta



Imagens: Acervo pessoal

Fernando Álvares Lobo criou o pseudônimo Marcello Tupynambá para suas incursões pela música



O nacional na música

O COMPOSITOR MARCELLO
TUPYNAMBÁ PRODUZIU EM
SINTONIA COM O MODERNISMO
BRASILEIRO E VALORIZOU A
IDENTIDADE POPULAR

Parceiro do crítico e escritor Mário de Andrade e do jornalista e poeta Guilherme de Almeida, prestigiado pelo romancista Menotti Del Picchia e pelo maestro Heitor Villa-Lobos, o compositor Marcello Tupynambá foi capturado pelo espírito revolucionário da Semana de Arte Moderna de 1922 e pela busca da identidade nacional na cultura. O resultado foi uma obra consistente, com 343 composições para canto e piano ou piano solo, além de operetas, bailados, corais e quartetos de corda.

Nascido em 1889, na cidade de Tietê (SP), recebeu da família o nome de Fernando Álvares Lobo e a paixão pela música. E de onde saiu a denominação Marcello Tupynambá? Pode-se dizer que foi uma questão de engenharia. Estudante na Escola Politécnica de São Paulo, onde se formou em 1916, Fernando recebeu a sugestão de usar um pseudônimo para as incursões pela sonoridade, e assim fazer a separação de corpos da carreira como engenheiro. A relação



Marcello Tupynambá ao centro, e o quarteto de vozes mistas:
João Cibella, Angela Sales, Maria Graceli e Mario Graceli

com o ritmo e as melodias vinha de longa data. O instrumento da infância foi o piano, passando mais tarde pelos estudos de teoria musical e violino. Foi regente da banda oficial da cidade mineira de Pouso Alegre e excursionou pelo estado.

A engenharia serviu de alicerce quando a atuação como músico não era suficiente para manter as contas em dia. Embora se apresentasse ao piano em cafés e cinemas de São Paulo, em 1917, a grana curta precipitou a mudança para Barretos e o trabalho como engenheiro. No interior, formou sua família e permaneceu até 1922.

Nessa época, a música não estava no centro de seus interesses, mas se mantinha ao redor. Incentivado pela esposa, Irene Menezes, e pelo músico João Campassi, compôs de forma tímida. Uma melodia aqui, outra ali. Retomou o pseudônimo dos tempos de estudante devido ►

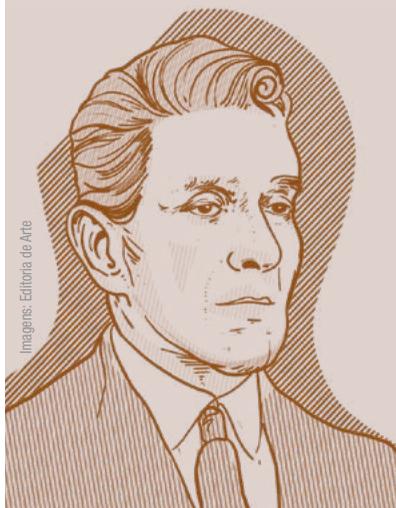


Capa da partitura de *Que Sôdade*, música composta em 1918.

Conhece esse som?

MUSICÓLOGA LISTA ARTISTAS DA RODA HISTÓRICA DE 1920

A musicóloga e professora titular do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo Flávia Camargo Toni destaca alguns expoentes da música brasileira no início do século 20. Um bom “termômetro” para avaliar os compositores que, a exemplo de Marcello Tupynambá, eram populares e publicavam suas músicas na década de 1920 se dá de forma indireta, mas bastante segura. O autor da enquete é um compositor francês, Darius Milhaud, que entre 1917 e 1918 morou na cidade do Rio de Janeiro e, interessado pela música popular, selecionou obras de alguns músicos para integrarem o rondó (composição que contém um número variado de versos e cujo estribilho é constante) *Le Boeuf sur le Toit*. Naturalmente, nem todos os que eram conhecidos há 100 anos permaneceram famosos, pois o gosto muda e os critérios de escolha nem sempre são claros. Mas, segundo a especialista, os autores a seguir sem dúvida continuam conhecidos do público de várias idades.



Imagens: Editora de Arte

Ernesto Nazareth

(1863-1934)

A primeira música do carioca foi composta aos 14 anos, a polca *Você Bem Sabe*. De 1916 data a publicação do tango *Tupynambá*, em referência direta ao compositor paulista.



Chiquinha Gonzaga

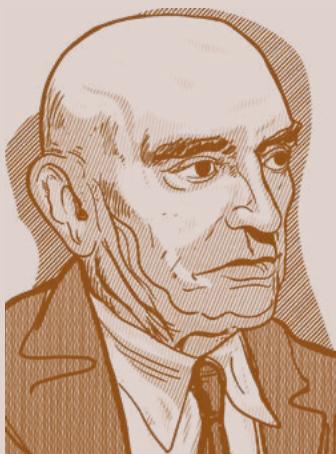
(1847-1935)

Pioneira, reúne várias primeiras vezes em sua carreira: primeira mulher a compor uma marchinha de carnaval, *Ó Abre Alas*, 1899, primeira pianista chorona e primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

Catulo da Paixão Cearense

(1866-1946)

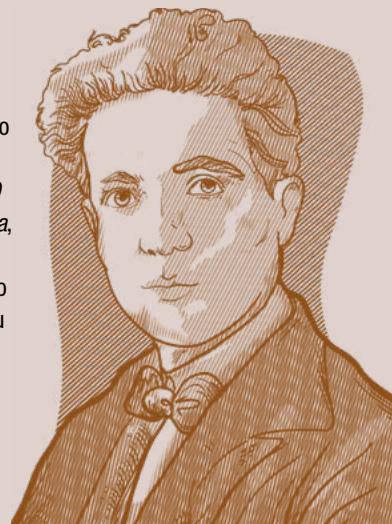
Identificado como “o poeta do sertão”, nasceu em São Luís (Maranhão) e arrebatou com seu violão as festas promovidas pela elite carioca. Além de compositor, foi poeta, teatrólogo e professor.



Eduardo Souto

(1882-1942)

Presença nos saraus do início do século 20, é dessa época o tango *O Despertar da Montanha*, uma de suas grandes composições e clássico do piano brasileiro. Seu samba *Tatu Subiu no Pau* (1923) mirou-se no estilo musical de Tupynambá.





Marcello Tupynambá (no topo superior direito) em família, com sua esposa Irene, seus filhos e netos

► a um problema de visão. Assim, o plano foi retornar à capital e às composições. Sua trajetória musical transcorreu em harmonia com o tempo presente e a modernidade em voga: “Compôs em sincronia com as novas realidades, decorrentes da modernização da sociedade”, confirma Marcelo Tupinambá Leandro, pesquisador musical. O nome não é coincidência. Também do ramo, o bisneto de Tupynambá afirma que a obra do bisavô, escrita entre as décadas de 1910 e 1950, buscou modernizar o repertório existente e que “sua obra deve ser considerada pertencente ao espírito revolucionário da Semana de Arte Moderna de 1922”.

NA BOCA DO POVO

Tupynambá equilibrou-se entre a engenharia e a música de forma produtiva. De sua autoria, de 1916,



Lista de canções brasileiras de Marcelo Tupynambá

estão *Cavaleiros do Luar* e *São Paulo Futuro*. O carnaval de 1918 é marcado pela sua canção *O Matuto*, no estilo cateretê, com base em violas, gravada por Mário Pinheiro. A composição tocou fundo Mário de Andrade, que na *Revista Ariel* (1924) lamentou a pouca importância dada a ela: “É possível que um dia os compositores nacionais [...] queiram surpreender a melodia mais bela e original de seu próprio povo. As músicas de Marcello Tupynambá serão nesse dia observadas com admiração e amadas com mais constância. [...] Ele será lembrado como um dos que melhor e primeiramente souberam surpreender os balbucios da consciência nacional nascente”. Muitos críticos se debruçaram sobre a interpretação de seus versos e acordes, dos mais clássicos aos contemporâneos: Oswald de Andrade, Oneyda Alvarenga, José Miguel Wisnik, Zuza Homem de Mello, José Ramos Tinhorão, Manuel Bandeira, Elizabeth Travassos, Cravo Albin.

Uma faceta popular de sua carreira foi expressa no teatro musicado, relevante canal de divulgação de seu trabalho, indo dos espetáculos para as partituras e gravações de discos. O forte movimento das rádios brasileiras o acolheu, não só como realizador, mas na função de diretor artístico das rádios Bandeirantes, Record, Tupi e Gazeta de São Paulo. E, na onda do cinema ainda engatinhando por aqui, participou da trilha de cinco filmes, entre eles *Nos Sertões do Avanhandava* (Antônio Pamplona, 1924), *Quase no Céu* (Oduvaldo Viana, 1949) e *Ângela* (Tom Payne e Abílio Pereira de Almeida, 1951). Tupynambá Leandro justifica tal convergência na atuação do compositor, o qual mediou “aspectos da cultura popular brasileira à seleção de músicas tocadas, naquele início do século 20”. A canção, gênero representativo da música brasileira, passa pela consistente trajetória de Tupynambá até sua morte em 1953. ■

Releituras atemporais

ÁLBUM EM HOMENAGEM
AO COMPOSITOR RESGATA
SUCESSOS DE SUA CARREIRA

O disco *São Paulo Futuro – A Música de Marcello Tupynambá* (Selo Sesc, 2020) traz uma seleção de 11 releituras interpretadas por nomes expressivos da música contemporânea: Fabiana Cozza, Toninho Ferragutti, André Mehmari, Roberto Corrêa, Henrique Cazes, Toninho Carrasqueira, Theo de Barros, Cacilda Mehmari, Dudu Alves, Nailor Proveta, Karina Ninni, Valdo Gonzaga e Hércules Gomes.

Para quem gosta de ouvir um disco do início ao fim, a música que abre a imersão é *Canção Marinha* (de Tupynambá e Mário de Andrade) na voz de Fabiana Cozza, que, em 1969, foi gravada por Inezita Barroso. Na sequência, a faixa título ficou no ritmo do pianista André Mehmari. E, para quem ainda não ouviu, Mehmari nos conduz: “Os compassos quebrados, as brincadeiras com relações métricas não convencionais são a representação e tradução musical da experiência fragmentada da vida numa grande e agitada metrópole”.

Ouçã gratuitamente em: <https://sesc.digital/colecao/50930/sao-paulo-futuro-a-musica-de-marcello-tupynamba>



Entre o físico e o digital

AS LIMITAÇÕES IMPOSTAS PELA PANDEMIA ACELERARAM
PROCESSOS E CRIARAM ATALHOS ENTRE ARTISTA, OBRA E PÚBLICO

A necessidade de restrições e de isolamento imposta pela pandemia da Covid-19 levou ao fechamento de museus e espaços expositivos. Nesse novo cenário, houve uma aceleração de processos e a elaboração de atalhos entre artistas, suas criações e o público, com a mediação das telas. “Existe uma urgência em definir um protocolo para a experiência estética pós-pandêmica e a virada para o digital veio para ficar”, afirma a crítica Marta Mestre, curadora geral da exposição *FARSA. Língua, Fratura, Ficção: Brasil-Portugal*, no Sesc Pompeia.

A mostra, programada inicialmente para abril, foi repensada para o ambiente virtual e as obras foram revistas. Uma parte dos trabalhos de *FARSA* inaugura a <anexa>, novo espaço expositivo do Sesc Pompeia, totalmente digital. A curadora adjunta da exposição, Pollyana Quintella, cita o exemplo de *Corpo Celeste*, de Aline Motta e Rafael Galante. Essa obra transitou entre o físico e o digital, o que, segundo Pollyana, “implicou adaptações diversas”. A artista Aline Motta diz se tratar de uma “instalação composta por uma animação projetada no chão e por uma caixa”, de onde são retiradas “sentenças proverbiais em umbundo e kikongo [*línguas da África Ocidental*], que se conectam com o momento em que vivemos”.

AQUI, AGORA?

Com a pandemia, o ambiente digital tornou-se o espaço possível de contato com o público, assim como ocorre com outras linguagens artísticas, como comprovam as *lives* de música, de teatro e de dança, com uma audiência ascendente. No entanto, Marta salienta que esse meio carrega ambivalências que interferem na fruição artística, revelando as nuances do online, responsável por anunciar formatos “supostamente democráticos e inclusivos”, mas que acentuam a “relação entre subjetividade e capital, a monetarização da vida pelo algoritmo”.

No reverso da tela, ou das várias telas que se apresentam, o isolamento social conduziu “às janelas e nos manifestamos através de músicas e protestos”, observa Marta. No entanto, complementa a curadora geral da exposição *FARSA. Língua, Fratura, Ficção: Brasil-Portugal*, “as ruas podem e devem continuar a ser um lugar da imaginação do comum, do fazer da comunidade”.

PELO AVESSO

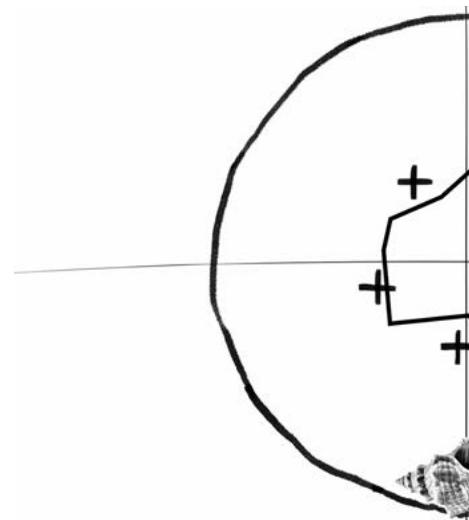
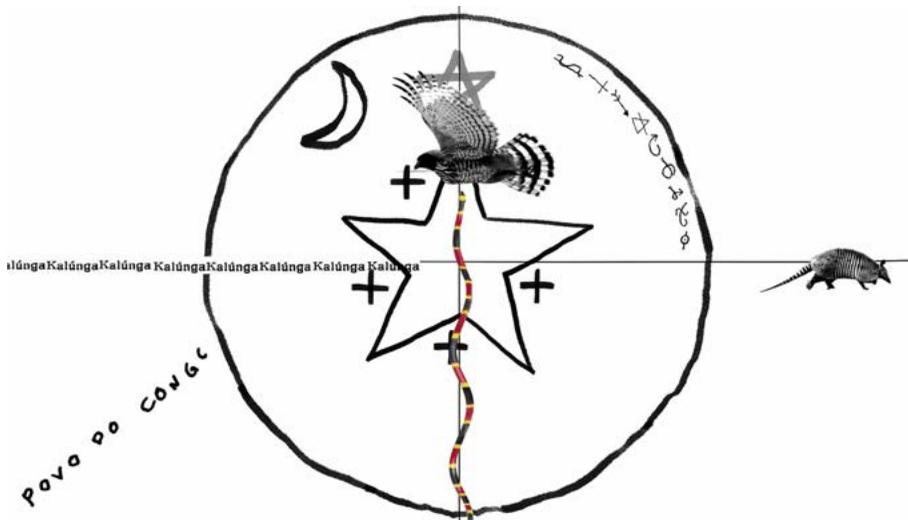
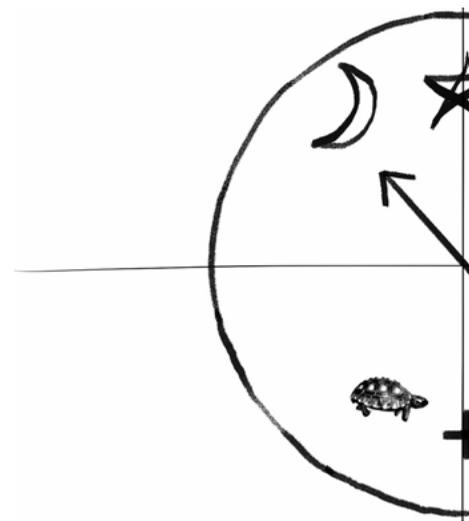
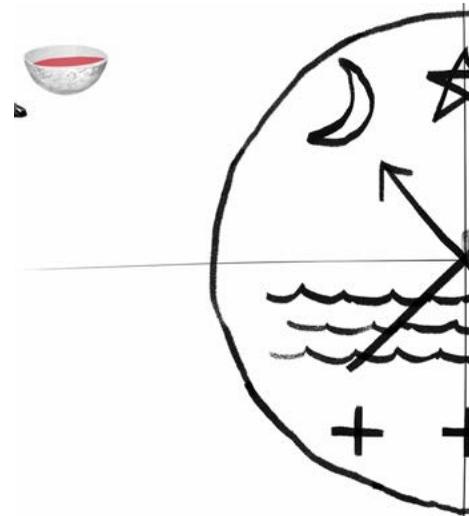
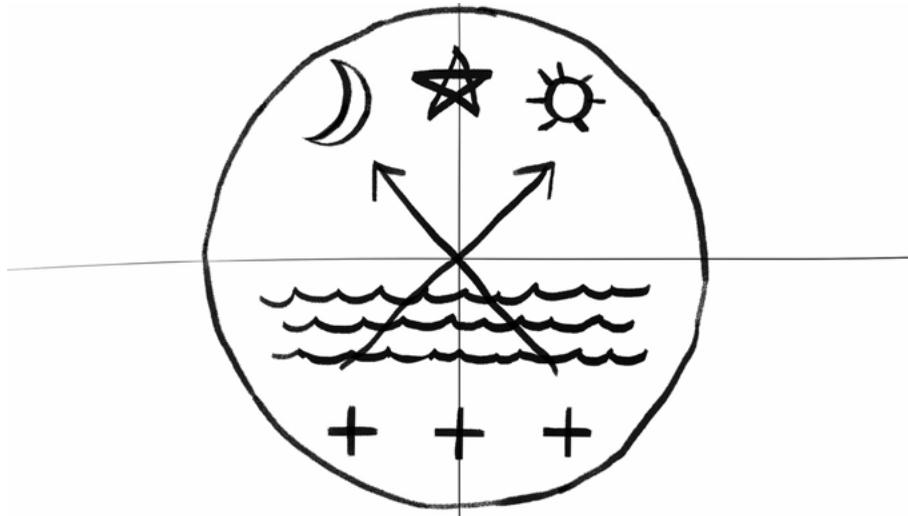
Exposição utiliza o ambiente digital para navegar pela multiplicidade da língua

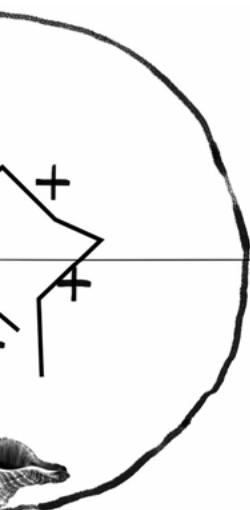
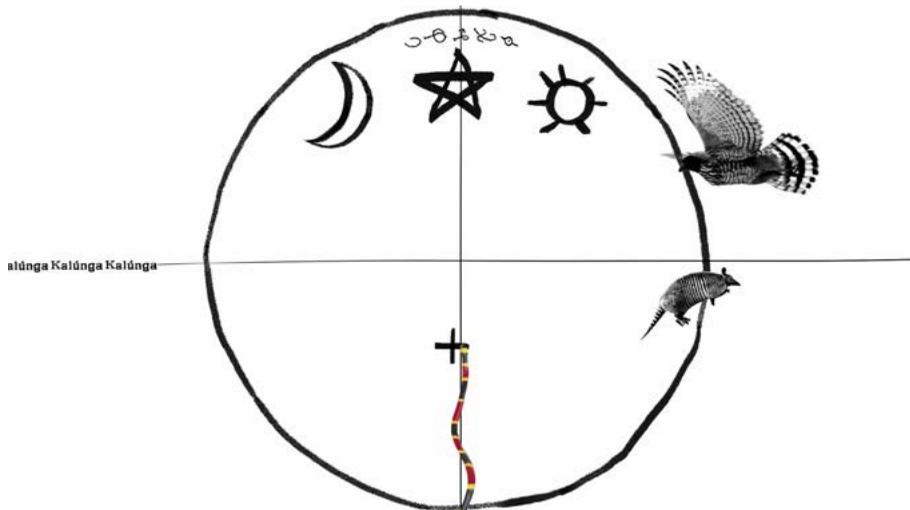
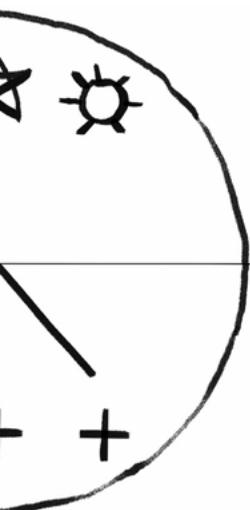
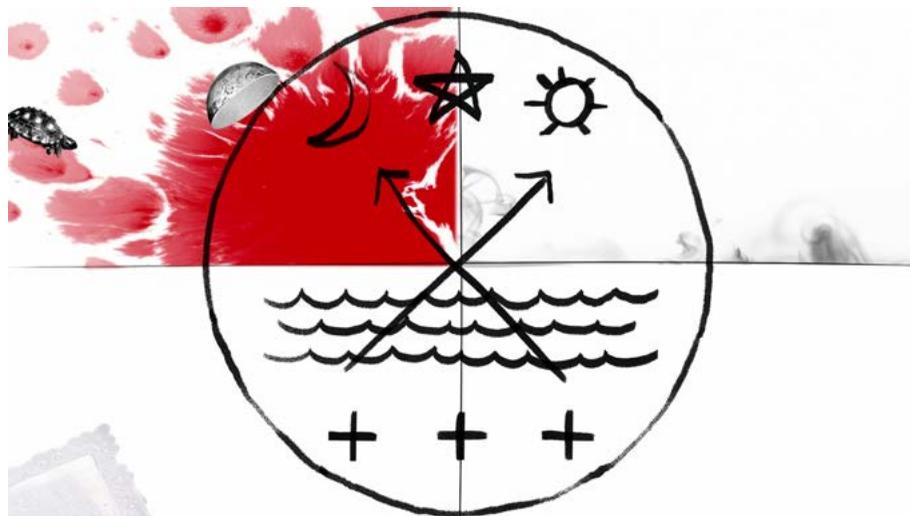
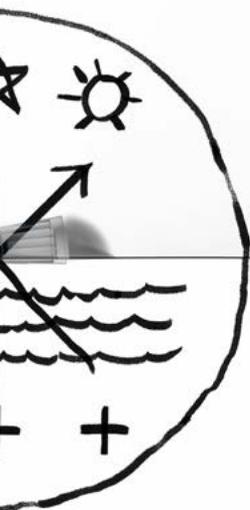
Para tratar da complexidade da língua e da linguagem, *FARSA. Língua, Fratura, Ficção: Brasil-Portugal* reúne mais de 50 artistas, suas obras e atividades online sob a curadoria geral de Marta Mestre e curadoria adjunta de Pollyana Quintella. Segundo Marta e Pollyana, a exposição responde a um sentimento de fim, mas também de riso e paródia, pois a razão possui os seus avessos. É este campo que o público é convidado a explorar em *FARSA*. A mostra presencial, na área de convivência do Sesc Pompeia, foi reformulada e ganhou novos contornos devido às medidas de contenção da Covid-19 – entre elas o distanciamento social –, deve passar a permitir visitaçã por agendamento em breve.

Entre as obras, duas foram elaboradas exclusivamente para o ambiente digital: *Máxima Performance*, de Marina Dalgalarro, e *Onde Pinga Não Seca (para a mãe de Gabriel)*, de Anitta Boa Vida. Angélica Freitas, Natasha Felix, Raquel Nobre Guerra, Ismar Tirelli Neto lerão poemas escritos para a exposição e, até novembro, Suely Rolnik e João Fernandes, entre outros, participarão de conversas também na internet. Visite *FARSA* também, em breve, na <anexa> em www.sescsp.org.br/pompeia.



Máxima Performance, 2020
Marina Dalgarrondo



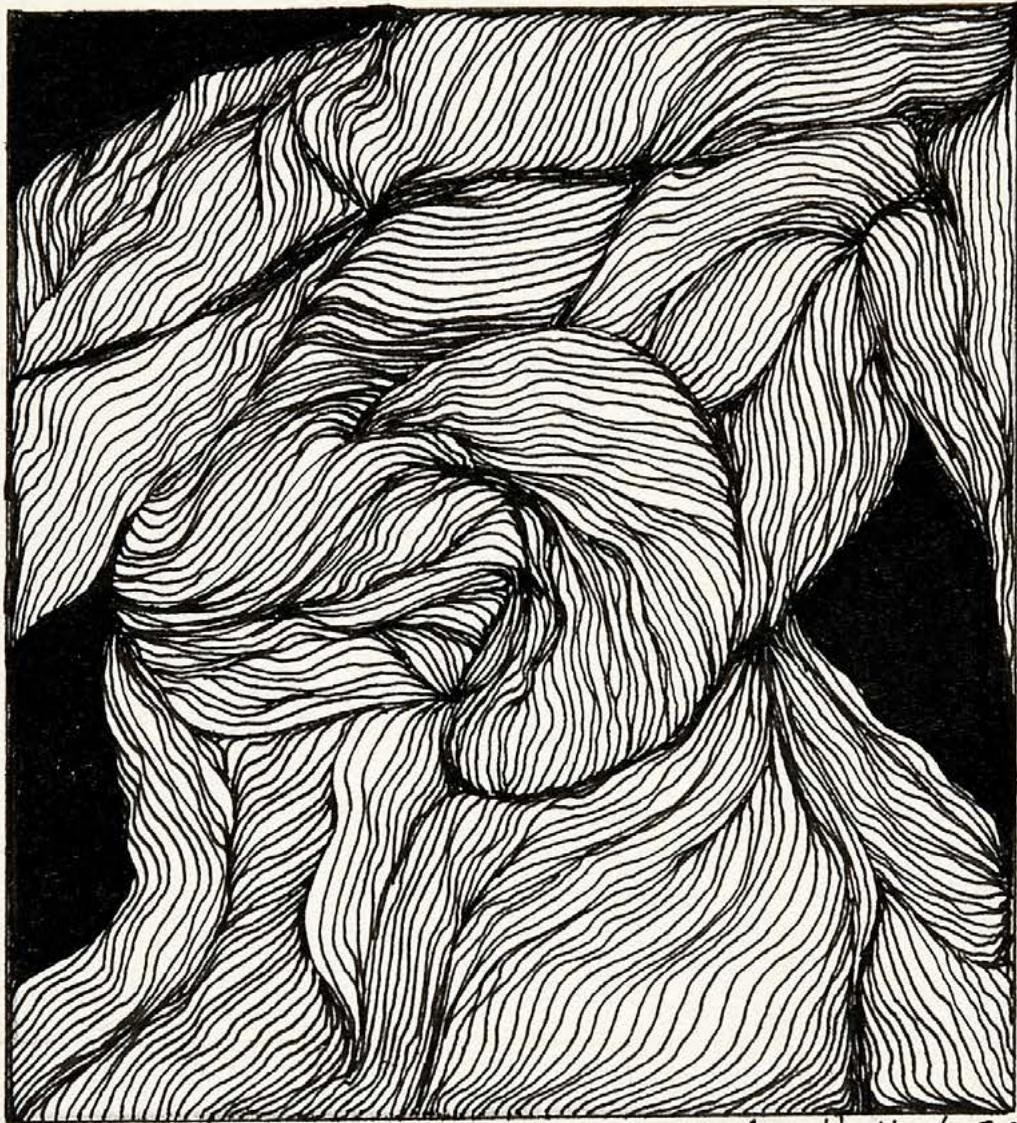


Kalúnga Kalúnga Kalúnga Kalún



Corpo Celeste
Aline Motta e
Rafael Galante

Foto Paulo Costa. Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna



Ana Hatherly .72

Sem Título (série Paisagem Interior), 1972
Ana Hatherly



Foto: Paulo Costa. Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna

Desenho Habitado, 1976
Helena Almeida



Cortesia Galeria Filomena Soares



Ouve-me, 1979
Helena Almeida

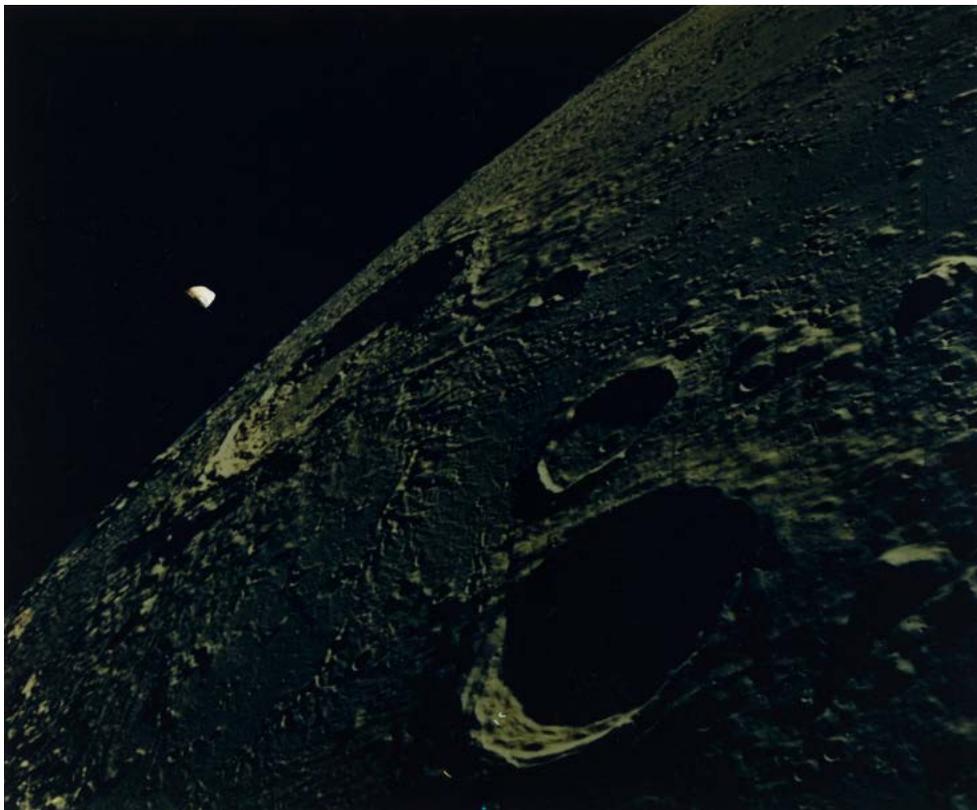


Projeto Lygia Pape

Eat Me, 1975
Lygia Pape

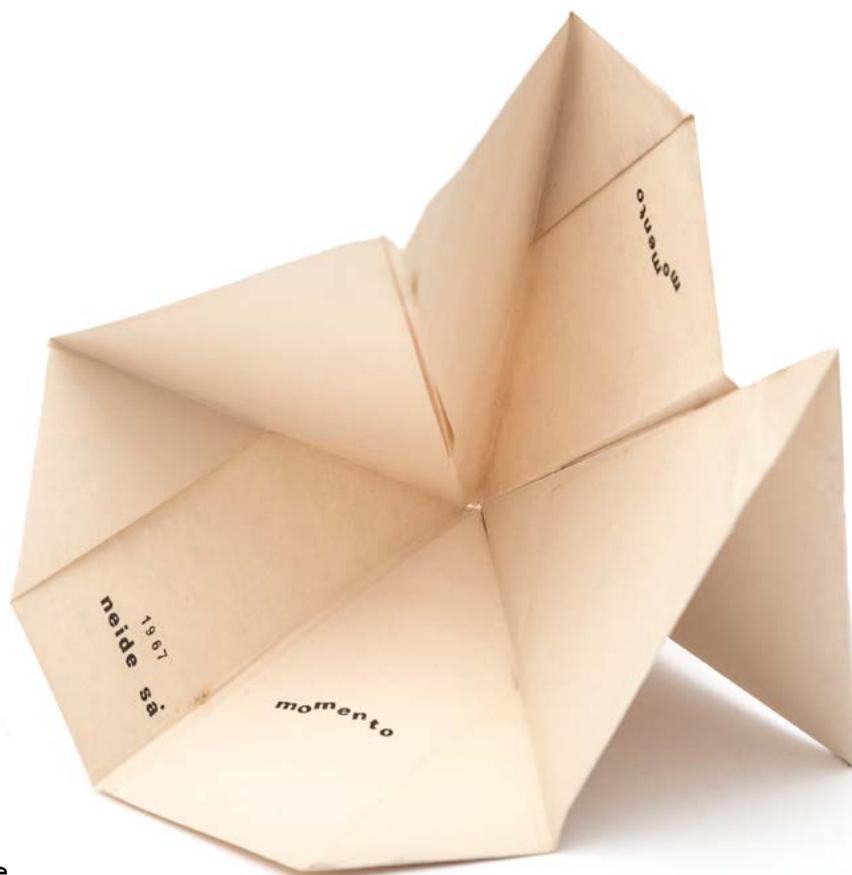


©Daniño Kim



Yauti in Heavens
[*Lua chegada*],
1988-1989
Regina Vater

Cortesia Galeria Superficie



Momento, 1967
Neide Sá



Enlace, 1978
Gretta Safarty

Confesias Central Galeria



Von Calhau!

Incremento Excremento, 2016
Von Calhau!



Von Calhau!

Pensamanto
Pensamento
Pensaminto
Pensamonto
Pensamunto, 2015
Von Calhau!



Von Calhau!

Come-Fome, 2015
Von Calhau!

Photo by neugerriemschneider. © Renata Lucas courtesy the artist and neugerriemschneider, Berlin; Galeria Luisa Stina, São Paulo; A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

Farsa, 2019
Renata Lucas





IR, 2005
Mumtazz

MVA



uma misteriosa Coisa, disse o e.e. cummings, 1996
Vera Mantero



Coytada, 2018
Linn da Quebrada

O LAR DE CADA UM

DIFERENTES CENÁRIOS E NECESSIDADES DETERMINAM

A MORADIA DE PESSOAS IDOSAS NO PAÍS

Durante a pandemia, diversas demandas da sociedade vieram à tona. Entre elas, a questão da moradia de pessoas idosas. Um segmento da população brasileira que tende a dobrar nas próximas décadas, segundo estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que ainda é invisibilizado. Categorizados como parte do “grupo de risco” no início das medidas de restrição para contenção da Covid-19, os idosos vêm sofrendo diferentes tipos de violência, principalmente, no ambiente doméstico (*leia matéria da Revista E de junho*), um espaço que, assim como outras opções de residência, precisa ser analisado. A *Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª Edição*, realizada pelo Sesc São Paulo e Fundação Perseu Abramo e divulgada em agosto, traz dados sobre esse cenário.

Sobre a questão da moradia, a pesquisa aponta que 17% dos idosos do Brasil moram sozinhos. Portanto, “há que se pensar em políticas públicas para essa parcela que mora sozinha”, disse a cientista social Vilma Bokany, coordenadora do Núcleo de Estudos e Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, no *Sesc Ideias Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª Edição – O Que Mudou nos Últimos 14 Anos* (*leia boxe O que os idosos querem?*).

“Durante a pandemia a gente viu o quanto de preconceito existe em torno disso. Pessoas dizendo: ‘Vai para casa, velho’. Mas, muitas vezes, são eles as próprias pessoas que respondem às suas necessidades, como ir ao mercado ou à farmácia. Não tem outra pessoa que possa fazer isso por ele. E tem, além desse fator do dia a dia, o fator da solidão, que pesa muito”, destacou Bokany.

Essa questão, segundo a psicóloga e pesquisadora Rachel Moreno, que também fez parte da pesquisa e esteve no debate do Sesc Ideias, é um problema muito sério nessa idade. “Teve o relato de uma mulher [*para a Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª Edição*] que ficou marcado para mim. Todas as entrevistas levaram cerca de duas horas e a dela foi das 14h às 18h. Ela me disse: ‘Que bom que eu conversei hoje, porque de manhã, eu

ligo para minha filha, bem rápido, porque ela tem muitas tarefas, e o resto do dia, mesmo morando com meu filho, quando ele chega em casa, ele passa por mim e se tranca no quarto. Então, no fim do dia, sem falar com ninguém, fico procurando as palavras para ver se eu me lembro e se eu consigo formar uma frase completa”, relatou a psicóloga.

NINHO FAMILIAR

Há também aqueles que moram com outra pessoa, correspondendo a 33% do total de idosos. Mas aqueles que moram com parentes superam em número e representam 50%. Para a economista Ana Amélia Camarano, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), há dois tipos de movimentos neste âmbito.

“Há aqueles idosos que moram sozinhos, que são principalmente mulheres por conta da viuvez e da dificuldade com o recasamento. E há famílias de três gerações – idosos, filhos e netos – que moram juntos, e isso tem a ver com a dificuldade dos jovens de terem uma relação estável no mercado de trabalho e mesmo nas relações afetivas. Por isso, em 20% desses domicílios, a renda do idoso corresponde a 50% da renda familiar”, aponta a economista do Ipea. Ou seja, nesse caso, para além do teto, os idosos são responsáveis por metade do orçamento da casa. O que não necessariamente implica uma residência onde os mais velhos consideram-se respeitados e cuidados, uma vez que 14% do total de idosos brasileiros se sentem mais ou menos acolhidos pela família, 6% se sentem pouco acolhidos, e 1% se considera um peso.

OUTROS MODELOS

Outra opção de moradia ainda é vista com preconceito: a Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). O termo substituiu o nome “asilo” em 2005 e foi cunhado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Doutora em Serviço Social, membro da SBGG, e pesquisadora nas áreas de



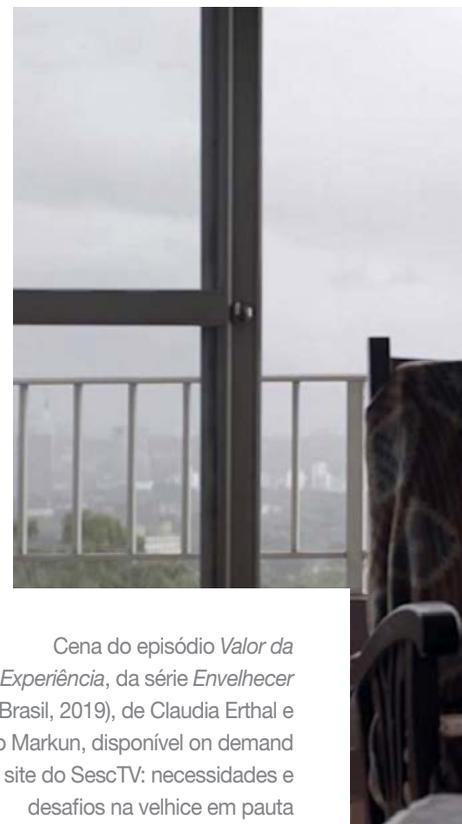
Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª Edição aponta que 17% de idosos e idosas do Brasil moram sozinhos, 33% moram com outra pessoa, e 50% vivem com outros parentes

Pixabay

envelhecimento e políticas sociais, Áurea Barroso explica que a visão negativa sobre esses espaços é histórica: “A memória do atendimento asilar iniciado no Brasil no final do século 19, com propósito caritativo, destinado à população sem recursos para assegurar a sua sobrevivência e que não contava com apoio de seus familiares, ainda está presente no imaginário social”.

Fortalecem o preconceito, segundo a especialista, os nomes das instituições que prestam esse serviço. “Por exemplo, o Asilo de Mendicidade, inaugurado em 1879 no Rio de Janeiro. Mas ainda hoje encontramos nomes como: Asilo dos Abandonados, Asilo dos Inválidos, entre outros. A palavra asilo compreende um espaço de abrigo ou refúgio, traz a ideia de segregação. E, infelizmente, em pleno século 21, milhares de pessoas idosas continuam vivendo entre muros”, observa.

Ainda assim, Áurea Barroso, que também atua na Coordenação Nacional da Pastoral da Pessoa Idosa (CNBB), garante que o papel das ILPIs é imprescindível para pessoas idosas que neles podem ser mais bem atendidas. “Por exemplo, quando o idoso é dependente funcional, perdeu as habilidades físicas e mentais e não tem vínculos afetivos com pessoas próximas ou familiares. Quando ele não conta com o suporte de cuidadores, um desafio ainda a ser enfrentado pelas políticas públicas. Assim, diante da impossibilidade de cuidar de si e não ter possibilidade de contar com o apoio de cuidadores formais e informais, o atendimento prestado em uma ILPI passa ser uma alternativa em defesa da vida”, pondera.



Cena do episódio *Valor da Experiência*, da série *Envelhecer* (Brasil, 2019), de Claudia Erthal e Paulo Markun, disponível on demand no site do SescTV: necessidades e desafios na velhice em pauta

Longevidade na arte

PROGRAMAÇÃO DA QUARTA EDIÇÃO DA MOSTRA SENTIDOS LEVA EXPRESSÕES ARTÍSTICAS AO AMBIENTE ONLINE

Em celebração ao Dia Internacional do Idoso, estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e comemorado em 1º de outubro, o Sesc São Paulo dá início à programação da *Mostra Sentidos – A Longevidade na Arte*. Nesta quarta edição, a mostra reúne processos artísticos virtuais de teatro e de dança com participantes do Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo.

“Esta edição, em tempos de importante distanciamento social, fomenta e potencializa a experimentação nos processos artísticos protagonizados pelas pessoas idosas, explorando as novas possibilidades dos ambientes virtuais”, explica Gabriel Alarcon Madureira, assistente técnico da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

Neste ano, o público poderá acompanhar toda a programação pelas redes sociais ([Instagram](#) e [Facebook](#)) e pelo portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br/mostrasantidos.

Espectáculo *Uma Memória do Amanhã ou O Mundo na Minha Pele*, da Cia. À Fleur de Peau (França), de Denise Namura e Michel Bugdahn, apresentado em 2019, na Mostra Sentidos



Divulgação

LUGAR IDEAL?

No entanto, de acordo com Áurea Barroso, há um número insignificante de ILPIs públicas no Brasil (menos de 7%), “e pouco repasse de verbas públicas às entidades filantrópicas (a grande maioria), conforme mostram estudos realizados pelo Ipea e MDS (Ministério do Desenvolvimento Social)”. Como alternativa, há condomínios, repúblicas e vilas. Enquanto as instituições privadas atendem a uma ínfima parcela da população com condições financeiras, iniciativas municipais ou estaduais – tendo em vista a falta de programas nacionais do tipo — ainda são disputadíssimas.

Afinal, qual deveria ser o lugar ideal para a moradia de idosos e idosas? Essa resposta, segundo Barroso, precisa considerar a necessidade de compreensão desse segmento na sua totalidade. “Levando em conta aspectos emocionais, sua história de vida, seus valores e desejos”, complementa. Para a economista Ana Amélia Camarano, não há um modelo único como resposta. “Somos seres singulares e os idosos são distintos uns dos outros. O modelo ideal é aquele que atende às expectativas de cada um”, assinala. ■

O que os idosos querem?

PESQUISA APONTA SITUAÇÃO, CARÊNCIAS E DESAFIOS DESTA CRESCENTE SEGMENTO DA SOCIEDADE

Realizada pelo Sesc São Paulo, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, a segunda edição da *Pesquisa Idosos no Brasil* apresenta respostas de velhos e jovens e investiga componentes do imaginário social brasileiro sobre a velhice. A partir dessa iniciativa pioneira, os resultados representam subsídios para pesquisadores, especialistas e outros profissionais em debates sobre políticas públicas e ações socioculturais para os mais de 28 milhões de idosos e idosas no país, segundo últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa foi realizada no período de janeiro a março de 2020 e entrevistou idosos e não idosos. Esta edição e a primeira, de 2006, podem ser comparadas e oferecem um recorte no tempo sobre o envelhecimento: perfil sociodemográfico, identidade e autoimagem do idoso, preocupação com a morte, estatuto do idoso e direitos, educação, saúde, relações familiares e laços afetivos, instituições de longa permanência, violência, desrespeito e maltrato ao idoso, trabalho remunerado e renda, e reforma da previdência/aposentadoria.

Confira os resultados da *Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª edição*: www.sescsp.org.br/tsi

Assista à live *Pesquisa Idosos no Brasil: 2ª edição – O Que Mudou nos Últimos 14 Anos* no Sesc Ideias, com a cientista social Vilma Bokany, doutoranda em Sociologia (PUC-SP) e pesquisadora sobre o tema preconceito, discriminação e intolerância em São Paulo, e a psicóloga Rachel Moreno, mestre em Meio Ambiente e Sociedade (Fesp-SP) e mediação e apresentação da socióloga Ioná Damiana de Souza, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc no [canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).



Adriana Vichi

LIVROS: presente e FUTURO

Imagens: Pixabay



Grandes ou pequenos, em papel ou digital, os livros abrem janelas para diferentes paisagens. Eles também se tornaram, de certa forma, um alento para milhões de leitores que mantêm o isolamento social em suas residências. Pequenas e médias livrarias criaram estratégias de venda e de entrega, enquanto grandes livrarias enfrentam mudanças drásticas. Já as plataformas digitais, essas dispararam em vendas. “O coronavírus pode até ter obrigado as livrarias a fechar as portas, mas o apetite dos leitores por novas histórias continuou – e os livros digitais tornaram-se aliados para manter o hábito de leitura durante o confinamento”, observa Rodrigo de Almeida, escritor, editor, consultor e diretor editorial. Contrariando a queda de números do começo da pandemia, nos últimos meses houve um aumento da venda de livros, segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Para Alexandre Martins Fontes, que há três décadas atua no mercado livreiro e editorial brasileiro, os tempos atuais são de cautela: “Vivemos momentos de muita aflição e de incertezas e, certamente, temos inúmeros desafios à nossa frente”. Qual será o futuro das livrarias? Os e-books irão abocanhar todo o espaço dos livros de papel? Essas e outras questões são levantadas por Almeida e Martins Fontes neste *Em Pauta*.



Vida longa aos livros e à leitura!

ALEXANDRE MARTINS FONTES

Ao longo de sua história, só em raríssimos momentos o Brasil pôde contar com um projeto político educacional corajoso, coerente, consistente, consequente. Estou convencido de que só através de uma educação universal (acessível, questionadora, abrangente, democrática, transformadora), uma sociedade pode garantir oportunidades iguais para todos. Infelizmente, como sabemos, estamos (sempre estivemos) muito longe dessa realidade. Ao contrário, nossa crônica incompetência nessa área, continua fazendo do Brasil “o país do futuro” mais antigo do mundo.

Nos últimos anos, tem se falado muito sobre uma crise mundial do livro. As pessoas estão lendo menos? O e-book veio para acabar com o livro em papel? A internet e as vendas online ajudam ou atrapalham o mercado livreiro? As livrarias físicas estão, de fato, com os dias contados?

Não sou muito apegado a exercícios de futurologia. Definitivamente, não tenho bola de cristal. Procuo sempre tomar muito cuidado com projeções e especulações para não cair em armadilhas do meu próprio pensamento ou de minha vontade de desenhar um futuro de acordo com meus desejos pessoais.

Dito isso, acredito, sim, que as pessoas estejam lendo menos. Assim como têm ido menos ao cinema, como leem menos jornais e revistas, como a audiência da novela não se compara àquela do início do século e por aí vai. A maneira como consumimos informação mudou drasticamente nos últimos tempos com o avanço da internet, a modernização de tablets e aparelhos de celular, os serviços de *streaming*, o surgimento dos podcasts etc.

Apesar disso, o livro tem se mostrado extremamente resiliente e capaz de se adaptar a essa nova realidade e de enfrentar esse universo altamente competitivo. Nos últimos 15 anos, tenho acompanhado, com alegria e entusiasmo, o surgimento de novas e vibrantes livrarias nas mais variadas cidades do mundo.

PAPEL E DIGITAL

E por falar em livrarias físicas, não posso deixar de dizer que o debate entre e-book e livro em papel já não faz o menor sentido. Se voltarmos alguns poucos anos no tempo e examinarmos as projeções feitas por analistas acerca do percentual de mercado que seria ocupado pelo e-book em 2020 – e até antes disso –, veremos claramente o quanto essas projeções estavam erradas.

As previsões não chegaram nem de perto a se concretizar, especialmente no Brasil. Há quem diga que o livro digital ocupa

4% do nosso mercado, outros apontam que esse número esteja mais perto de 8%. Seja como for, para a maioria das editoras brasileiras, trata-se de um faturamento marginal, pouco relevante.

Nos Estados Unidos, nos últimos cinco anos, vem se verificando um aumento nas vendas de livros físicos e uma queda acentuada do e-book. Feita essa constatação, quero deixar claro que não vejo o livro digital como um concorrente do livro físico. Muito pelo contrário: como editor e livreiro, torço, isso sim, para que as pessoas leiam cada vez mais (independentemente do formato). E, certamente, o e-book não representa, em hipótese alguma, uma ameaça às livrarias físicas.

ESTRATÉGIAS NECESSÁRIAS

Aqui, entro numa outra questão importante quando se pretende examinar melhor o contexto do livro e da leitura no Brasil. Quem segue mais de perto o mercado editorial brasileiro certamente vem acompanhando as notícias sobre as recuperações judiciais de duas das maiores redes de livrarias do país. Não cabe entrar agora nos detalhes acerca dos motivos que as levaram a se aproximar do fundo do poço nem apontar o quanto eu lamento o que considero equívocos estratégicos cometidos por essas duas gigantes.

O que é preciso destacar é que no momento em que essas duas empresas, que representavam cerca de 30% a 40% do faturamento de muitas editoras, perdem boa parte de seu protagonismo, outras livrarias começam a ocupar o espaço deixado por elas. De minha parte, torço apenas para que esse espaço não seja ocupado por uma única empresa. No nosso segmento, quanto maior a concorrência, melhor.

Livro é cultura, e o Brasil precisa desesperadamente de mais livrarias espalhadas por suas ruas e cidades (e, é claro, também na internet). Neil Gaiman, autor inglês de grande sucesso internacional, afirma que “uma cidade não é uma cidade sem uma livraria.

l'Amour arrive toujours sans prévenir, mais
aucun doute que l'Amour avait décidé de
ce soir-là en infligeant ce dîner à Anna.
heure maintenant que Josh parlait sans
monologue tenait de la prouesse. Anna,
l'écouter, s'amusait à compter les je et
ent de sa bouche comme
taient

Livrarias físicas oferecem alegria e conhecimento, alimentam imaginação e criatividade, unem pessoas e ideias. Um país sem livrarias é um país sem alma, um país sem rumo. Assim, é preciso aplaudir movimentos que buscam fortalecer o pequeno livreiro e que vêm ganhando cada vez mais notoriedade. Campanhas como a #VemPraLivraria, ou o Projeto Retomada das Livrarias, lançado durante a pandemia, merecem o entusiasmado apoio de toda a sociedade civil brasileira.

IMPACTOS JÁ

E já que mencionei esse momento difícil que o mundo inteiro está enfrentando, vale analisar os impactos da pandemia do novo coronavírus no mundo do livro. Qual será o novo normal de um mercado que ao longo dos tempos pouco flertou com a normalidade? Num primeiro momento, vimos uma forte migração dos consumidores para lojas virtuais.

Com o confinamento, leitores, em todas as partes do globo, viram-se obrigados a comprar seus livros online. Da mesma forma, as vendas de e-books também cresceram. Isso confirma que as livrarias (pequenas, médias ou grandes) não podem jamais deixar de investir em tecnologia e ter uma presença online.

Se alguém tinha alguma dúvida sobre esse assunto antes da pandemia, agora não há mais o que questionar.

Vivemos momentos de muita aflição e de incertezas e, certamente, ainda temos inúmeros desafios à nossa frente. Muito tem se falado sobre o impacto do aumento do preço do livro para a sociedade brasileira. Infelizmente, pouca atenção tem sido dada ao que acontecerá com as livrarias brasileiras caso isso aconteça. Estudos mostram que uma livraria muito bem administrada trabalha com uma margem de lucro de 4 a 4,5%.

Sou categórico ao afirmar que a maioria das livrarias brasileiras não conseguirá arcar com o tributo proposto de 12% e, conseqüentemente,

fechará suas portas. A sociedade brasileira não pode permitir que isso aconteça.

Recentemente, ouvi do meu amigo Rui Campos, experiente livreiro, sócio-fundador da Livraria da Travessa, que nenhuma livraria é substituível. Nada poderia ser mais verdadeiro!

Apesar de todos esses desafios, continuo acreditando no

TENHO MUITAS RAZÕES PARA CONTINUAR ACREDITANDO NO FUTURO DO LIVRO E NO PAPEL FUNDAMENTAL DAS LIVRARIAS FÍSICAS (PEQUENAS, MÉDIAS OU GRANDES)

futuro do livro e no papel fundamental das livrarias físicas. As livrarias devem se concentrar na sua verdadeira vocação. Além de vender livros, elas precisam ser um local de encontro; acolher a vida cultural das cidades ou dos bairros que ocupam; jamais abrir mão da luta pela absoluta liberdade de expressão e do debate de ideias; investir em eventos em que cada um de seus frequentadores tenha vez e voz; atuar na transformação e no enriquecimento da sociedade a sua volta. Dessa

forma, as livrarias serão sempre vivas, atuantes, necessárias... insubstituíveis! Sejam quais forem as dificuldades do momento; sejam quais forem os governos.

Voltando ao começo deste artigo, a sociedade brasileira precisa se convencer, de uma vez por todas, da importância revolucionária da educação. Não podemos poupar esforços para transformar esse país em que vivemos (e que amamos) num lugar mais justo, mais igualitário, mais leitor. Temos um longo e gigantesco desafio à nossa frente. Apesar das muitas limitações, as editoras e livrarias brasileiras vêm, obstinada e incansavelmente, cumprindo seus papéis como empresas e contribuindo para a construção de um país melhor.

Vida longa aos livros e à leitura!

Vida longa às editoras e às livrarias! ■

ALEXANDRE MARTINS FONTES é formado em Arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP) e, há 30 anos, atua no mercado livreiro e editorial brasileiro como diretor-executivo da Editora WMF Martins Fontes e da Livraria Martins Fontes Paulista.

A leitura vence a pandemia

RODRIGO DE ALMEIDA

O cenário é de ficção científica, mas os relatos surpreendentes, dramas, conflitos, tragédias e impasses são bastante reais. Enquanto escrevo este artigo, contabilizam-se cerca de 960 mil mortos em todos o mundo, sendo mais de 136 mil no Brasil, numa pandemia que já infectou mais de 30 milhões de pessoas no planeta. Não há razão para duvidar que esses números serão extraordinariamente maiores no momento em que você estiver lendo – inclusive e sobretudo no Brasil, errático no enfrentamento da crise.

Os meses de quarentena, comércio fechado, exigências de isolamento social, uso de máscaras na rua e outros cuidados, bem ou mal cumpridos país afora, deixaram rastros sombrios – mais de 12 milhões de desempregados, renda em queda constante, aumento da informalidade e do subemprego, e dificuldades profundas para empresários e trabalhadores são algumas das sequelas econômicas.

Com tudo isso, seria de esperar que o livro, peça já combatida antes da pandemia, exibisse sinais adicionais de agonia. Livrarias e bibliotecas fechadas, menos dinheiro e mais incertezas amplificavam os prognósticos do desalento coletivo. Embora o comércio online já fosse responsável por cerca de 45% do faturamento de editoras, as livrarias físicas ainda são o cerne do negócio do livro no Brasil. E duas delas estavam em apuros antes mesmo da pandemia – o que já era ruim ficaria pior, muito pior.

E, de fato, os meses seguintes seriam trágicos, mas, apesar de tudo, o livro sobreviveu. E sobrevive. Depois da brusca queda e do prenúncio de crise histórica, o mercado mostrou recuperação. Longe de ser a ideal, mas ainda assim uma recuperação. O coronavírus pode até ter obrigado as livrarias a fechar as portas, mas o apetite dos leitores por novas histórias continuou – e os livros digitais tornaram-se aliados para manter o hábito de leitura durante o confinamento.

ACERVO ONLINE

Tornou-se clássico um número divulgado ainda em abril, quando a Bookwire, que distribui e-books para cerca de 550 editoras no Brasil, anunciou a distribuição de 9,5 milhões de exemplares digitais, entre pagos e gratuitos. Um número correspondente a 80% do volume comercializado durante todo o ano de 2019 – um ano já relevante.

A pandemia reafirmou uma convicção compartilhada por profissionais do livro mesmo nos piores períodos da crise recente: o Brasil enfrentou e enfrenta uma crise de modelo do mercado editorial, não uma crise de leitura; os meses de quarentena significaram um duro golpe contra as livrarias, atormentaram os pequenos livreiros, assustaram editores de todos os portes. Mas a leitura está lá. O fato é que a pandemia ajudou a formar novos leitores digitais e reafirmar o potencial do hábito de leitura no Brasil.

Ao mesmo tempo, inspiram-se questionamentos inevitáveis: fim do livro impresso? O que acontecerá com as livrarias? Quão longevos serão os hábitos nascidos do isolamento social? Qual o modelo capaz de conciliar o reforço do hábito de leitura com a sustentação financeira do mercado editorial? A extensa e frágil cadeia produtiva do livro, envolvendo autores, editores, produtores, gráficas, livrarias e... leitores.

TRIÁDE ESSENCIAL

Quem trabalha com livros precisa ser, antes de tudo, um otimista. Mas otimismo, no Brasil, requerem engenho, criatividade e muito trabalho. Se essa tríade é fundamental para a sobrevivência do mercado num país de ciclos econômicos de altos e baixos constantes, e de desigualdades profundas, ela se torna ainda mais relevante num momento de redefinições de modelo.

Decretos em torno do “apocalipse do livro” não são novidade – nem vieram junto com o livro digital, como podem imaginar alguns, nem com a pandemia. Anos atrás, em visita ao Brasil, o historiador Robert Darnton, diretor da Biblioteca da Universidade de Harvard, lembrou que, em 1928, Walter Benjamin já dizia que, ao que tudo indicava, o livro estaria chegando ao seu fim. Não chegou. A publicação de livros não parou de crescer.



No universo da leitura no Brasil, uma palavra-clichê me parece o caminho adequado: convergência. As pessoas se esquecem que o livro é uma tecnologia – foi inventado e exige certos conhecimentos para ser utilizado. É inegável que o livro sobrevive também à custa do surgimento não só de novos suportes como até mesmo de novas estruturas narrativas e novos gêneros literários, nascidos das próprias mudanças tecnológicas e das conseqüentes alterações de hábitos e gatilhos mentais.

Acredito no princípio da coexistência. Não pelo romantismo estéril, que recorre à certeza de permanência do livro porque, nas palavras clássicas de Monteiro Lobato, um país é feito de homens e livros (no que José Olympio acrescentou “e ideias”). O pior erro para quem trabalha com o livro é se ancorar nas premissas da inércia e da tradição – a convicção de que certos e velhos hábitos dificilmente morrem. Sua excelência, o leitor de livros, certamente discordará.

MEUS DISCOS E LIVROS

A indústria do livro pode se inspirar na indústria fonográfica, para não cometer os mesmos erros. Lembremo-nos que, em 1999, um garoto, audacioso, arrogante e maluco chamado Shawn Fanning criou o Napster, site de compartilhamento de arquivos. Num piscar de olhos, a indústria fonográfica perdeu totalmente o controle sobre sua principal fonte de receita: a música. Faixas e mais faixas foram parar na web, o Napster acabou perdendo a batalha jurídica, mas mudou para sempre o setor. Anos depois, os executivos da indústria fonográfica admitiram que demoraram para tomar uma atitude e rever seus próprios modelos.

A indústria do livro não pode cometer os mesmos erros. É fato que a estrutura competitiva da indústria editorial foi fundamentalmente alterada nos últimos anos e está sob sério risco

devido ao poder concentrado e à influência de uma empresa em particular – a Amazon. É fato que o modelo de grandes redes mostrou sua debilidade; que a vida é extremamente arriscada para pequenos editores e livreiros; que os padrões existentes no relacionamento da cadeia são desfavoráveis para muitos e

DECRETOS EM TORNO
DO “APOCALIPSE
DO LIVRO” NÃO SÃO
NOVIDADE – NEM
VIERAM JUNTO COM O
LIVRO DIGITAL, COMO
PODEM IMAGINAR
ALGUNS, NEM COM A
PANDEMIA

concentradores. Que autores ainda são o elo mais prejudicado dessa mesma cadeia. Mas também é fato que se trata de um mercado que muda a passos lentos, preso a dogmas, certezas, modelos tradicionais e trilhas conhecidas.

A cabeça do leitor, no entanto, é mais sábia e mais aberta a novas experiências. Se isso não significa que migrará em massa para o livro digital, deixando o livro impresso à deriva, também não significa que voltará ao estado pré-pandemia. Se é verdade que muitos recorreram ao livro digital pela ausência de lojas físicas, também é verdade que ganham força inquestionável o comércio eletrônico, as livrarias

online e as possibilidades de alcance do livro fora dos territórios consagrados (inclusive o território nacional).

As exigências, mudanças e expectativas deste leitor provocarão alterações de longo prazo. As belíssimas iniciativas de livreiros independentes, com entregas criativas, o agudo crescimento do *e-commerce*, a busca de novos mercados, a reação ágil e engenhosa de muitas editoras, a busca por novos mercados e novos modelos, tudo que se percebeu ao longo desta dolorosa pandemia deve gerar frutos positivos quando ela passar. O maior beneficiário dessas mudanças é e será a razão da existência de quem trabalha com livro: o leitor. ■

RODRIGO DE ALMEIDA é jornalista e cientista político. Foi editor em editoras como Ediouro e LeYa e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É editor, consultor, diretor editorial da Buobooks.com e diretor-executivo da Pensata Comunicação & Cultura. Autor de *À Sombra do Poder: Bastidores da Crise Que Derrubou Dilma Rousseff* (LeYa) e *O Brasil Tem Jeito?* (Zahar), entre outros livros.

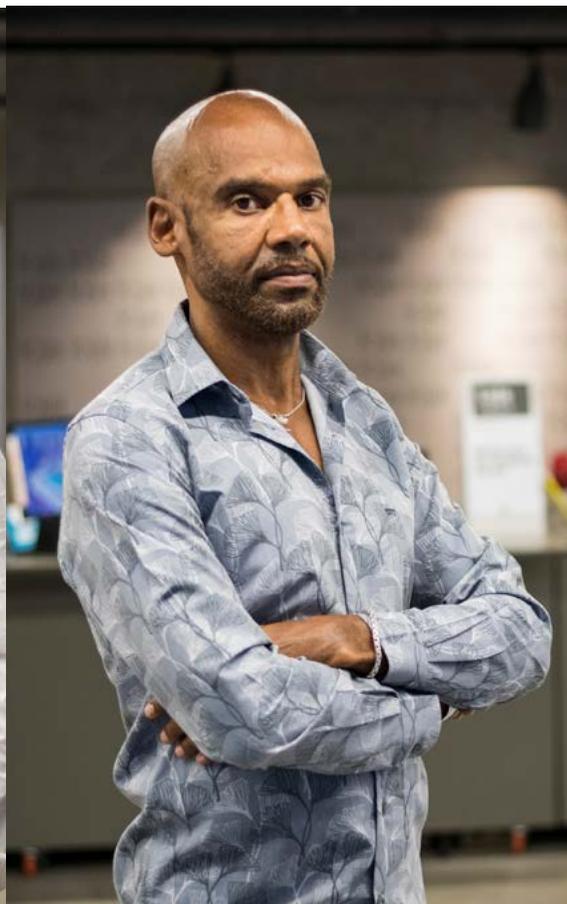


O valor da DIVERSIDADE

AVANÇOS E
DESAFIOS DA
REPRESENTATIVIDADE
DA POPULAÇÃO
NEGRA BRASILEIRA
NO MERCADO DE
TRABALHO

Diretora-executiva do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), que neste ano completa três décadas, Cida Bento foi eleita como uma das 50 pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade, em 2015, pela revista britânica *The Economist*. Ela acumula vivência e experiência nessa organização não governamental que ajudou a criar e que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da equidade racial e de gênero. Sua atuação também ganha destaque em outros espaços, na luta por oportunidades iguais para mais da metade da população brasileira, formada por negros e negras. Uma parcela que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), é a mais atingida pela escalada do desemprego, uma vez que sua taxa de desocupação é 71,2% maior que a dos brancos, no segundo trimestre deste ano. Neste *Encontros*, Cida Bento esteve acompanhada por dois colegas do Ceert, o advogado e coordenador de projetos Daniel Teixeira e o sociólogo, diretor e pesquisador Mario Rogerio. Os três compartilharam dados e reflexões que demandam ações urgentes de toda a sociedade brasileira.

CIDA BENTO, DANIEL TEIXEIRA e MARIO ROGERIO estiveram presentes na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de agosto de 2020.



MARCO LEGAL

O Ceert foi constituído por Ivair Augusto dos Santos, que tinha o foco em políticas públicas, Hédio Silva Júnior, com foco no movimento sindical, e por mim, que vinha da área de recursos humanos de empresas. Já naquele tempo (década de 1990), começamos a trabalhar com esses três pilares no mercado de trabalho. Durante muitos anos, discutimos com o que chamávamos de “esquerda branca”, que tinha uma concepção de trabalho, de resistência e de luta no país a partir da chegada dos imigrantes italianos. No entanto, já havia quatro séculos de luta. Até escolhemos um trecho de Clóvis Moura [*sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro, 1925-2003*], de uma reivindicação de escravos, que fala sobre condições de trabalho, da questão da mulher e do homem, da terra que eles precisavam ter. Com isso, a gente mostrou como a luta e como o debate sobre esse tema já tinha sido colocado muito antes da chegada dos italianos aqui, mas o sindicato não contemplava essa história. A gente vivia provocando, porque o movimento sindical e as centrais são um ator fundamental quando se fala de trabalho. Seguimos assim e, por volta de 1992, no Ceert, o Hédio Silva Júnior conseguiu localizar a Convenção 111 [*adotada pela Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em sua 42ª sessão, em 25 de junho de 1958*], que fala sobre equidade e igualdade no trabalho, no cargo e no salário, de mulheres e homens negros. O Brasil assinou essa convenção em 1964 e a engavetou. Nós falamos: “Isso tem força de lei e se tem força de lei a gente precisa provocar o país”. Junto com o movimento negro e com as centrais sindicais, a gente denunciou o Brasil em Genebra em 1992. Isso teve uma repercussão. A Organização Internacional do Trabalho deu um retorno ao Brasil sobre a necessidade da implementação dessa convenção e começou aí a ação do Ministério do Trabalho para a criação de núcleos em diversos estados, junto à delegacia do trabalho, para cuidar das questões da diversidade de gênero, de raça, de pessoa com deficiência. Esse foi um trabalho que durou muitos anos, que teve uma repercussão forte nas políticas públicas. (Cida Bento)

CLASSIFICAÇÃO RACIAL

A cor da pele é um dos principais e mais potentes definidores de lugares. Então, quando a gente pensa na questão racial, eu considero muito importante lembrar que a classificação racial tem que vir. É ela que vai definir os lugares, e que vai definir, efetivamente, quem está sofrendo o impacto do racismo e quem não está. Ela é uma luz que a gente coloca nos dados, nas pesquisas e nos nossos cadastros, sejam públicos ou privados. Aí é que a gente consegue entender quem tem acesso ao sistema de saúde, à educação, a hospitais de qualidade e, nesse último caso, se estes hospitais estão na região central da cidade, com certeza eles não estão atendendo a população que está na periferia, cuja maioria é negra. O quesito cor é coletado desde 1872, não é uma novidade, e é importante a gente dizer isso porque, nesses

tempos, fala-se que classificação racial vai separar a sociedade, mas não vai. É um dado que deve ser considerado e coletado em instituições tanto públicas quanto privadas. Eu venho coordenando o censo da diversidade e o Ceert vem, há décadas, aprimorando metodologias para quantificar as desigualdades dentro das instituições públicas e privadas, realizando o trabalho de comparação de inserção (no mercado de trabalho), de salários, de oportunidade de promoção e de treinamento dentro das instituições, para que a própria instituição veja seu retrato no campo das desigualdades e possa pensar e desenhar juntamente conosco um plano de ação. Nós utilizamos a técnica da autoclassificação: a própria pessoa indica seu pertencimento. Não cabe a ninguém atribuir o seu pertencimento. Cabe à própria pessoa dizer: eu sou preto, eu sou pardo, eu sou amarelo, eu sou indígena, eu sou branco. A classificação reflete o impacto do racismo. E quando a gente conhece a classificação racial, a gente começa a colocar uma lupa dentro das instituições e entender se elas são equitativas. (Mario Rogerio)

POSTURA CONSCIENTE

O importante é atuar do lugar onde você está. Neste momento, depois do assassinato de George Floyd [*afro-americano assassinado em 25 de maio por um policial de Minneapolis (EUA) que se ajoelhou no pescoço dele, enquanto estava deitado de bruços na estrada*], quando muitas pessoas perguntam qual o lugar do branco, digo que é o lugar de tentar mudar a sociedade de onde ele está. Por exemplo, se você é um operador do direito, deve refletir sobre os próprios



preconceitos, os quais são responsáveis por manter um percentual grande de jovens negros presos, sem terem sido condenados, ao mesmo tempo que libera e acredita que o réu ou a ré brancos podem aguardar em casa o julgamento. Se é uma psicóloga branca dentro de uma instituição, deve saber que a equidade não está colocada nos processos de seleção. A gente pouco percebe o quanto o nosso olhar está treinado para entender que lugares qualificados são lugares para brancos, que há uma ideia e uma menor confiança na qualificação de negros. Se você é um professor numa escola, pode saber o peso diferencial que tem o racismo na história das crianças negras. Se olharmos para as crianças negras e adolescentes negros, vamos ver que evasão escolar e mau desempenho são dados que não variam ao longo do tempo, porque a escola não é um lugar acolhedor para essa criança, não é um lugar ao qual ela sente que pertence. Assim é em empresas, no Judiciário... Eu sempre penso: o racismo tem que ser combatido a partir do lugar onde você está, nas suas relações, naquilo que você cotidianamente faz. Sem contar todas as ligações que é possível ter com os grandes movimentos em prol da equidade. (C. B.)

COTAS SOCIAIS

As cotas vêm dessa resistência negra muito forte no país, com grande impacto na democratização do Brasil. Por exemplo, o ProUni nasceu ProNegro quando foi apresentado ao governo federal, mas não podia ser só para negro, e foi lançado com o conceito de “para todos”. Hoje o ProUni beneficia tanto jovens

brancos quanto negros. Se você pensar em cota, a ideia inicial era de cota racial, mas virou cota social, beneficiando tanto o branco pobre quanto o negro. É fundamental dizer que a cota cumpre um papel superimportante no país, de beneficiar também a juventude branca pobre, de beneficiar indígenas — há programas de cotas para indígenas em várias partes do país. Portanto, as cotas têm como primeiro ponto a ampliação da democracia no Brasil. Se você comparar homem, mulher, negro, branco, LGBT e outros, a mulher negra é ainda o segmento em que o impacto da cota na trajetória aparece com mais força. Você vê a presença negra nas universidades mudando as universidades

O RACISMO TEM QUE
SER COMBATIDO
A PARTIR DO
LUGAR ONDE
VOCÊ ESTÁ, NAS
SUAS RELAÇÕES,
NAQUILO QUE VOCÊ
COTIDIANAMENTE
FAZ (Cida Bento)

e o mercado editorial. A pressão sobre as organizações públicas e privadas para que se abram portas a todos os segmentos não para de crescer. Mesmo assim, a condição das mulheres no trabalho, em geral, progride com mais dificuldade e lentidão nos censos que temos observado. As mulheres são mais escolarizadas do que os homens, mas elas têm sempre um salário inferior e menor oportunidade de promoção mesmo quando, além da escolaridade, têm mais experiência. Hoje há muitas instituições pressionando o processo de RH para incluir negras e negros. Então, notamos mudanças, sim, mas elas são mais lentas e incorporam menos empresas públicas e privadas do que gostaríamos. (C. B.)

REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA

A questão do pluralismo é fundamental, afinal, somos plurais também entre negros e negras. Não é viável nem bom que a gente tenha embaixadores e embaixadoras como se essas pessoas fossem uma representação única de um pensamento que é diverso. Além desse olhar da mídia para fora, deve haver esse olhar da mídia para dentro. Cada vez mais a população, principalmente a população negra, tem cobrado isso, que vale para empresas de ramos diversos, mas também para as empresas de comunicação. É preciso esse olhar para dentro e ver se a instituição também está caminhando no sentido de refletir essas novas vozes. Ou seja, é importante essa reflexão sobre constituição, valores e pessoas, sobretudo, para que se garanta algo consistente que reflita o que ela representa para fora. (Daniel Teixeira)





Questão de **RECONHECIMENTO**

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA ENFRENTAM INÚMERAS
DIFICULDADES PARA TER ACESSO A DIREITOS SOCIAIS E AUTONOMIA

A paisagem se modificou, mas a rotina do padre Júlio Lancellotti, 71 anos, coordenador da Pastoral do Povo de Rua, começa às 7 da manhã, ao abrir os portões da Igreja São Miguel Arcanjo, no tradicional bairro da Mooca, Zona Leste de São Paulo. Há mais de 30 anos, sua rotina se entrelaça ao apoio dos mais vulneráveis que ocupam as ruas da cidade distribuindo alimento a essa população. Durante a pandemia, a refeição vem acompanhada de kits de higiene. Todos os dias, até 500 pessoas recorrem ao auxílio. A internet também é ocupada por Lancellotti. Aos sábados e domingos, o padre realiza missas transmitidas pelas redes sociais e, em seu perfil oficial [@padrejulio.lancellotti](https://www.instagram.com/padrejulio.lancellotti), esse cotidiano é acompanhado por mais de 240 mil seguidores. Convidado a participar do debate *População em Situação de Rua: Quem Cuida?*, realizado pelo Sesc Ideias, Júlio Lancellotti, que também é coordenador da Pastoral do Povo da Rua, há 35 anos, destacou a importância de reconhecer e respeitar os direitos de homens e mulheres em situação de rua.

CONVÍVIO

Não digo que trabalho com a população de rua. Eu convivo com a população de rua, porque afirmar o contrário poderia torná-la objeto. E a convivência é construtiva, alegre, desafiadora. Porque na convivência não tem nada preestabelecido, a não estar no mesmo nível, e sabemos que na convivência há encontros, desencontros e desafios. O princípio fundamental para todos nós é que a população que está em situação de rua não deve ser nem idealizada nem demonizada. São pessoas com todos os conflitos e questões que perpassam a condição humana.

GRANDES CENTROS

A população em situação de rua tem as suas características. É uma população heterogênea, em crescimento no mundo todo, em todas as grandes cidades. Só em Nova York são 60 mil pessoas que estão pela rua. No Rio de Janeiro, o crescimento foi exponencial, chegando a 17 mil pessoas. Em São Paulo chegamos a 25 mil no último censo. É importante saber: o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não faz o censo da população de rua, então se desenvolveu uma metodologia própria. Em São Paulo o crescimento foi de mais de 50%. Acreditamos que na cidade de São Paulo tenhamos mais de 30 mil pessoas nessa situação. Os dados da última

pesquisa são bastante questionáveis, mas muito dramáticos, quando mostram que mais de 50% da população de rua da cidade não está abrigada.

NUTRIÇÃO E RESISTÊNCIA

Quando falamos em cuidado, temos a ideia de tutelar. A população de rua não precisa de tutela. Ela precisa de cuidado e autonomia. Precisa de uma palavrinha que hoje se usa mais no modelo arquitetônico: acessibilidade. Tem que ter acesso à educação, cultura, moradia, ao trabalho, a várias formas cooperativas. [Durante a pandemia] nossa convivência diária e matinal só mudou de forma. Passam pela paróquia onde estou de 400 a 500 pessoas por dia. Na Casa de Oração passam mais de 600 pessoas, e no Largo de São Francisco estão passando mais de 1.000 pessoas diariamente. O nosso objetivo não é dar a comida, dar um kit de higiene e sobrevivência. É, especialmente, que as pessoas estejam nutridas para que elas possam ter resistência.

COLETIVOS EM AÇÃO

A tragédia para a população em situação de rua não é maior graças aos grupos que são muitos e, espalhados pela cidade, ajudam no acesso à alimentação, à água potável, a



álcool em gel, a máscaras limpas, e a noções de saúde. Os consultórios de rua medem a temperatura das pessoas. Aqueles com suspeitas são socorridos para fazerem exames e para estarem em observação. Então, cuidar é garantir acessibilidade à dignidade de vida, para que as pessoas possam dormir em uma cama limpa e, de preferência, não em um dormitório coletivo. Que eles possam ter uma mesa para pôr comida e ter comida para pôr sobre a mesa, uma porta para fechar, uma cama com o seu cheiro para dormir.

VESTIR DIGNIDADE

Me chama muito a atenção que, quando conseguimos uma roupa, a primeira coisa que eles fazem é cheirar, pois a roupa vai ter o cheiro próprio. Eles percebem rapidamente quando a roupa é nova. Você imagina quantas mulheres gostariam de usar uma calcinha já usada? As mulheres em situação de rua não têm acesso ao mais simples. Há também a situação dramática

CUIDAR É NÃO
INVISIBILIZAR.
CUIDADO EXIGE
ACESSIBILIDADE

das mulheres trans que não têm acesso a roupas femininas. Há abrigos que não aceitam mulheres trans, lugares onde, para entrar, elas precisam cortar o cabelo ou não podem usar

seu nome social. São muitos os sinais que mostram a ausência de cuidado. Quem pergunta ao morador em situação de rua o que ele está sentindo? Ninguém quer saber. Durante a pandemia, eles são os que mais me perguntam como eu me sinto. No meu Instagram, eu faço um diário desse cotidiano da pandemia. Cuidar é não invisibilizar. Cuidado exige acessibilidade. O povo da rua não é anjo, porque anjo não sente fome, não ama nem odeia. Eles são seres humanos como nós. ■





#emcasacomsesc

Lives de música, teatro, dança, esportes e programação para crianças com artistas e atletas brasileiros. Todas as apresentações são realizadas ao vivo e posteriormente ficam disponíveis nos canais oficiais do Sesc SP no YouTube e no Instagram.

Sesctv

Séries, documentários e programas exclusivos fazem parte da programação gratuita, presente em operadoras de TV por assinatura e on demand em sesctv.org.br. Os programas e filmes abordam temas sociais, artes visuais, teatro, dança, arquitetura, música, esporte, lazer, sustentabilidade, filosofia, ciências sociais, pedagogia entre outros temas e linguagens da contemporaneidade.

Sesc
digital

Plataforma de conteúdos com mais de 10 mil itens, como áudios, vídeos, imagens e publicações que representam parte do acervo formado pelo Sesc São Paulo ao longo de seus mais de 70 anos. Dentre as seleções inéditas estão uma série de cursos livres no formato de ensino à distância e mostras de cinema com catálogo atualizado semanalmente.



[instagram/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)
[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
sesctv.org.br
sesc.digital
sescsp.org.br



CASA COMIGO

lembro da mesma xícara
que meu pai levava à mesa
ao toque da fidelidade
centenária uma amizade assim
que não se largava eternamente
unidos pelas mesmas asas

agora entendo o tamanho
deste sentimento é
com ele que acabaremos
com o fim do mundo

a faca o garfo a colher
o prego que martelo
um quadro os instrumentos
cada um em seu ofício cego
nossas mãos à obra para
toda hora que for preciso

agora entendo a força
dos utensílios nem reparamos
em seu suor diário firmes e
fortes para nos livrar da morte

a escada o corte da tesoura
o alicata os travesseiros
há quanto tempo abraçam
os nossos sonhos os pensamentos
mais mundanos debaixo dos lençóis
os panos sem julgamento algum

agora entendo por que tanto
fugimos para lá e cá sem destino
nossa casa um ventre que espera
sorrindo a filha ou o filho ingrato

o pão o fogo o abacaxi na cesta
o ronco da geladeira que nunca
dorme a beleza da fruteira a nossa
rica natureza morta a porta aonde
ninguém mais vem sempre aberta
a qualquer coração que a visita

agora entendo o que é estar dentro
do espírito que habita os espaços fechados
no centro do umbigo na solidão dos livros
o profundo amor da casa comigo ■

MARCELINO FREIRE é escritor (Ossos do Ofício: www.marcelinofreire.wordpress.com) e autor de *Angu de Sangue* (Ateliê Editorial, 2000); *Contos Negreiros* (Record), vencedor do Prêmio Jabuti de 2006, publicado também na Argentina e no México; *Nossos Ossos* (Record), vencedor do Prêmio Machado de Assis de 2014, publicado em Portugal, França e Argentina; entre outras obras. Em 2004, criou e organizou a antologia *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* (Ateliê Editorial). Vários de seus livros foram adaptados para o teatro. É o criador e curador da Balada Literária (<http://baladaliteraria.com.br/>). O texto *Casa Comigo* foi escrito durante a quarentena.

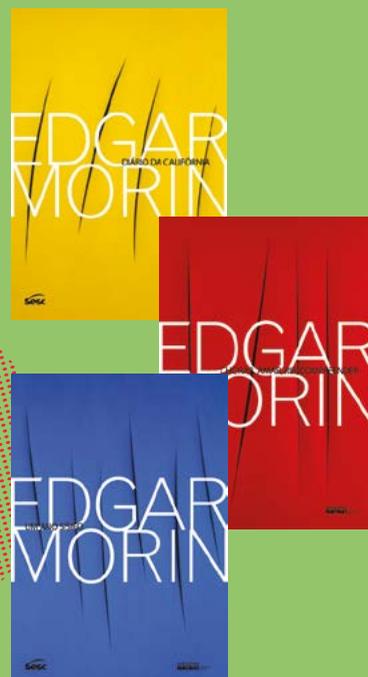
Um pensador humanista



A AVENTURA DE O MÉTODO e Para uma racionalidade aberta

O filósofo francês Edgar Morin percorre a própria trajetória e nesse caminho permite ao leitor compreender de que modo as questões essenciais de sua vida – “o que posso saber?”; “o que devo fazer?”; e “o que posso esperar?” – nortearam sua filosofia.

Integra este volume o texto fundamental “Por uma racionalidade aberta”, previsto no conjunto de proposições do autor, mas até então inédito.



COLEÇÃO DIÁRIOS DE EDGAR MORIN

Um homem comum, que se emociona e se indigna ante as situações com as quais se depara em seu cotidiano. Essa é a impressão causada pela leitura dos diários de Edgar Morin.

Diário da Califórnia, Um ano Sísifo e Chorar, amar, rir, compreender revelam um pensador humanista, questionador e curioso, sempre disposto a redescobrir formas de se ver e estar no mundo.

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja
e conheça o catálogo completo

    /edicoessescsp

edições
SESC



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.



A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

- A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.
- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adriane Ribeiro, Aguinaldo Soares da Costa, Alexsandra Xavier, Aline Moreira, Aline Ribenboim, Aline Stivaletti, Amanda de Andrade, Ana Carla de Assis Ribeiro, Ana Carolina dos Santos, Ana Paula Fraay, André Luiz Santos Silva, Barbara de Freitas, Bárbara Gabriela, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Casseano Damazio, Camila Curaçá, Carlos Daniel Dereste, Carolina Barbosa de Melo, Carolina Paes de Andrade, Cleber Paes, Corina de Assis, Christi Lafalce, Cristina Madi, Cyneida Silva, Daniel Tonus, Daniela Scopim Ribeiro, Danny Abersur, David Sampaio, Diego da Silva Oliveira, Diê Lemos, Eduardo Freiras, Élide Lins Porto, Eloá Cipriano, Erica Georgino, Fabiana Freitas, Fabiano Maranhão, Fernanda Fava, Fernando Tuacek, Gabriela Amorim, Geraldo Cruz, Geraldo Junior, Gislene Lopes, Graziela Gomes, Gustavo de Paula, Hugo Carneiro, Ieda Resende, Igor Cruz, Indira Fernanda Duarte, Jade Stella Martins, Jailton Carvalho, José Junior, José Mauricio Lima, João Cotrim, Juliano Ricardo Lima, Karla Priscila Carrero, Kelly dos Santos, Kenia Mara Militão, Lidiane de Jesus, Lígia Azeveto Capuano, Luanda Mayra, Lucinea Rosa dos Santos, Lucio Erico Cunha, Luiz Guilherme Lupinacci, Luiz Ollani, Maria Inês Leite, Maria Cecília de Nichile, Maria Pedrazzi, Marina Reis, Neide Alessandra Nascimento, Poliana Queiroz, Rafael Marino, Raquel Fonseca, Regina Machioni, Renata Barros da Silva, Renata Mesquita de Albuquerque, Renato Perez de Castro, Renato Yoshinaga, Ricardo Tifona, Rosângela Barbalacco, Tamara Demuner, Tatiane Ferrari de Souza, Thais Kruse, Vanessa de Carvalho, Vitor Hugo Vieira

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
 - **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
 - **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
 - **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
 - **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
 - **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
 - **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
 - **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da

Superintendência de Comunicação Social e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br



Radinho não, PODCAST

Não precisa sintonizar nem esperar um horário marcado para escutar seu programa favorito. Ah... E você pode ouvir enquanto lava a louça, rega as plantas, prepara o almoço ou descansa no sofá. Embalado por essas facilidades e por uma diversidade de temas – política, filosofia, tecnologia, sexualidade, história, esportes etc. –, o podcast conquista milhões de ouvintes pelo mundo, aperfeiçoando-se desde as primeiras transmissões, no ano 2000. Programas de áudio reproduzidos por plataformas de *streaming*, e em sua maioria gratuitos, os podcasts ampliaram o alcance na pandemia, fazendo “companhia” para diferentes gerações. Confira algumas opções, aperte o *play* e aumente o volume!



VINTE MIL LÉGUAS

Lançado em agosto pela revista literária *Quatro Cinco Um*, o podcast *Vinte Mil Léguas* fala sobre ciências e livros. Na primeira temporada, o programa, criado e editado por Fernanda Diamant, roteirizado e apresentado pelas escritoras Leda Cartum e Sofia Nestrovski, dedica dez episódios à obra do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882). Um programa com bastante apelo à imaginação e fatos curiosos, realizado em parceria com a livraria Megafauna e com o apoio do Instituto Serrapilheira. Novos episódios todas as segundas-feiras.

Saiba mais: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/v/um-navio-com-nome-de-cachorro>

LITERATURA E SOCIEDADE



Neste podcast, a equipe de jornalistas do caderno *Ilustríssima* do jornal *Folha de S. Paulo* entrevista autores de livros de não ficção e intelectuais para discutirem suas obras e seus temas de pesquisa. Já participaram do *Ilustríssima* Conversa a pesquisadora de literaturas africanas comparadas Elena Brugioni, o neurocientista Sidarta Ribeiro, que estuda o sono e os sonhos, e a antropóloga Lilia Schwarcz. Novos episódios a cada duas semanas.

Confira: <https://folha.libsyn.com>



ARTE E EDUCAÇÃO

Produzido pelo Núcleo de Cultura Participação do Instituto Tomie Ohtake, *Amplitudes* levanta reflexões sobre educação, cultura e artes. O podcast é apresentado pelo educador Pedro Costa, que entrevista artistas, educadores e profissionais da cultura, convidados a apresentar suas ideias, pesquisas e inquietações aos ouvintes. Novos episódios toda segunda-feira de cada mês. Confira: <https://www.institutotomieohtake.org.br/participe/interna/podcast-amplitudes>



TRICÔ DE PAIS

Apresentado por Thiago Queiroz, esse podcast criado pelo site e canal *Paizinho Vírgula* fala sobre paternidade, masculinidade e desafios. Ele é voltado para todas as pessoas, com ou sem filhos. Toda semana, novos episódios com a participação de Victor Ourives e Thiago Berto, além de convidados, trazem informação, humor, empatia e vivências da paternidade. Escute e saiba mais pelo site: <https://paizinhovirgula.com/tricodepais>.



Saiba mais

Descubra 10 podcasts feitos pelo Sesc São Paulo:

https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14599_LIGUE+O+SOM+10+PODCASTS+DO+SESC+SP+PARA+VOCE+DESCOBRIR

Aprenda por que e como fazer seu podcast com Ira Morato (Mundo Freak) e Grecia Baffa (Viajany), podcasters que participaram de bate-papo transmitido pelo YouTube do Sesc Sorocaba: <https://youtu.be/5OUKTPrRiKs>



O cinema e suas multitelas

Da infância, uma das minhas recordações mais vivas é a de meu pai me levando a um cinema de rua na Av. Paulista. Eu me lembro que sentávamos em um canto afastado, assistíamos juntos e ele lia baixinho as legendas dos filmes que eu ainda não tinha idade para acompanhar.

A memória afetiva desses momentos representa o que o cinema, por meio de narrativas que nos emocionam, aponta como possibilidade. O cineasta Andrei Tarkovsky dizia que “o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística”. O cinema, então, é essa arte que proporciona o estar juntos, nos leva a rir e suspirar em uníssono.

O Sesc São Paulo sempre compreendeu a potência do cinema como agregador de pessoas e ideias e vem realizando um amplo trabalho no segmento audiovisual em suas unidades. De modo abrangente, as exhibições se dão em salas escuras, mas também nas piscinas, nos mirantes, nos bosques e nas praças. Os filmes podem ser vistos em variados dispositivos e a linguagem tem sido experimentada em diferentes perspectivas.

Mas eis que fomos pegos de surpresa por uma pandemia, na qual o principal perigo se converte justamente nesse ato de ficar juntos. E agora? Como pensar em ações audiovisuais sem espaços físicos para a exibição?

O cinema na internet não é uma novidade. Diferentes canais de *streaming* e plataformas de aluguel de filmes já substituíram as antigas locadoras e vêm amedrontando alguns cinéfilos que os encaram como um prenúncio da morte do cinema presencial. Contudo, nesse tempo de distanciamento, o audiovisual segue firme na rede, por meio de uma produção profícua e inovadora, mobilizando todo o mercado cinematográfico.

Programações especiais, filmes rodados em isolamento, mostras com curadorias articuladas e encontro com realizadores têm elevado o potencial da internet como local de possibilidades múltiplas.

A experiência da plataforma de *Cinema #EmCasaComSesc*, com um olhar abrangente para a seleção de filmes, possibilitou retomar o trabalho que estava sendo realizado presencialmente nas unidades. Conjuntamente, a oferta dos filmes na rede ampliou o público, visto que o online alarga os limites de território, tendo a plataforma em três meses atingido mais de 500 mil visualizações.

Os festivais e mostras de cinema também tiveram de se reinventar e se adaptar ao espaço virtual, o que se mostrou menos uma restrição e mais uma abertura para novos públicos e pensamentos. Houve a facilitação do acesso aos festivais que, sem o limite espacial e de deslocamento, receberam um caráter mais nacional e menos regional. Ao mesmo tempo, promoveu uma renovação nas programações, abrindo espaço para a participação de novas filmografias.

Outra novidade foi o retorno dos cines drive-ins, que ressurgiram como uma oportunidade de vivenciar uma sessão em conjunto, porém sem um real contato. Para além das exhibições, vimos no CineSesc Drive-In a possibilidade de mobilizar profissionais da área cultural que se encontravam parados por conta da suspensão dos espaços culturais.

Diante deste inesperado cenário, é importante observar que todas essas experiências não determinam o encerramento do cinema como ação coletiva. Ao contrário, o amplifica e confirma o imenso potencial que a sétima arte carrega. Em suas múltiplas telas, os filmes continuam a nos sensibilizar conjuntamente, já que, como observou o diretor Wim Wenders, o cinema é a arte que apreende a essência das coisas, capta o clima do seu tempo, exprime suas esperanças, angústias e desejos, numa linguagem que compreendemos de forma universal. ■

CECÍLIA DE NICHILE, formada em Audiovisual pela ECA-USP, com mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, é assistente de cinema da Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo.

A'UTÉ A'UWÊ UPTABI

SER CRIANÇA A'UWÊ

DOCUMENTÁRIO
DIREÇÃO: CRISTINA FLÓRIA E WAGNER PINTO

O COTIDIANO DAS CRIANÇAS A'UWÊ, DA ETNIA XAVANTE, NA ALDEIA PIMENTEL, EM BARBOSA (MT), E A TRADIÇÃO DAS BRINCADEIRAS QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES

12 DE OUTUBRO, ÀS 13H
DISPONÍVEL #ONDEMAND NO SITE



ASSISTA A'UTÉ A'UWÊ UPTABI: SER CRIANÇA A'UWÊ
E OUTROS PROGRAMAS INFANTIS DURANTE
TODA A PROGRAMAÇÃO DO DIA 12.
CONFIRA EM SESC.TV.ORG.BR

